



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS CURSO DE COMUNICAÇÃO
SOCIAL HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

ALANA MATOS SILVA

**A COBERTURA DA RÁDIO GAÚCHA NA ENCHENTE DE 2024 NO RIO GRANDE
DO SUL E OS DESAFIOS DA CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA**

**CAXIAS DO SUL
2025**

ALANA MATOS SILVA

**A COBERTURA DA RÁDIO GAÚCHA NA ENCHENTE DE 2024 NO RIO GRANDE
DO SUL E OS DESAFIOS DA CONVERGÊNCIA MUDIÁTICA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito para
aprovação na disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Me Jacob Raul Hoffmann

CAXIAS DO SUL
2025

ALANA MATOS SILVA

**A COBERTURA DA RÁDIO GAÚCHA NA ENCHENTE DE 2024 NO RIO GRANDE
DO SUL E OS DESAFIOS DA CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito
obrigatório para a obtenção do grau
de Bacharel em Jornalismo, na
Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Me Jacob Raul
Hoffmann

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Rodrigo Lopes
Jornalista do Grupo RBS

Dedico este trabalho aos meus pais, Liane e Dinarci, que sempre colocaram os meus estudos em primeiro lugar para que esse sonho se tornasse realidade. E aos meus irmãos, Gean e Júlia, que são os melhores amigos que eu poderia ter.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me sustentado durante esse período de graduação e por ter me capacitado para realizar esse grande sonho. Aos meus pais, Liane e Dinarci, entrego toda a minha gratidão por sempre terem acreditado em mim e me incentivado a ir além. Sem o apoio de vocês ao longo da minha vida nada disso seria possível, afinal os estudos sempre foram prioridade e os meus sonhos os de vocês.

Todo o meu amor aos meus irmãos, Gean e Júlia, que me ensinaram muito mais do que podem imaginar sobre companheirismo e vida em comunidade. Ao Gean, muito obrigada por ser este homem exemplar, uma inspiração constante na minha vida e referência de ser humano íntegro. Para nossa caçula, Júlia, obrigada por ter completado nossa família e ser luz em nossas vidas, obrigada por alegrar as noites de escrita. Eu amo vocês.

Obrigada ao Bruno Mucke, que foi meu suporte e incentivo quando as coisas ficaram difíceis e estava sempre pronto para me acolher e apresentar as melhores frases motivacionais. Foi meu ombro para chorar e o motivo de muitos sorrisos. Ele fez com que os altos e baixos dos últimos meses fossem mais fáceis de serem superados e nunca soltou a minha mão.

À minha cunhada, Scarlett, obrigada pelas horas cedidas à construção desse trabalho e a troca de experiências acadêmicas que foram essenciais para minha formação.

Um agradecimento especial para o meu orientador, Jacob, que durante toda a minha formação foi uma grande referência e fez desse momento de conclusão da graduação uma grande experiência. Obrigada por ter aceitado esse desafio e emprestado o amplo conhecimento ao longo dos últimos anos e meses. Fostes essencial nessa caminhada.

Agradeço também ao professor Marcell Bocchese que durante as aulas sempre potencializou a minha capacidade para o rádio e dividiu importantes conselhos de aperfeiçoamento. A paixão pelo rádio só se intensificou ao ter professores como vocês durante a trajetória. Aproveito e agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação escolar e acadêmica, do ensino fundamental à universidade. Obrigada por terem feito da paixão de vocês ensinar com amor, respeito e incentivo.

Ao Rodrigo Lopes, só posso dizer “muito obrigada” por ter aceitado fazer parte da minha banca de avaliadores e marcar esse momento muito importante em minha vida. O Rodrigo foi uma referência profissional com toda sua coragem e determinação em estar em zonas atípicas, a admiração tomou conta desde que escolhi seguir esse caminho. Afinal, ele não só faz jornalismo, mas vive o jornalismo e cumpre a missão de ser o porta-voz, muitas vezes, das más notícias. Agradeço ainda ao Marco Matos por ter feito a ponte até o Rodrigo proporcionando esse momento.

Gratidão aos meus colegas e amigos da Rádio Caxias que me ouviram falar deste trabalho incansavelmente nos últimos meses e acalmaram minha ansiedade diversas vezes encorajando-me a ir além. Obrigada às demais amigadas que tive o privilégio de construir ao longo dos anos por toda compreensão e incentivo nessa trajetória.

Em nome do meu padrinho, Dilvo, que era um grande incentivador dos meus sonhos e fiel escudeiro da minha família e que partiu durante meu processo de conclusão de curso e não pode presenciar o final da minha graduação, agradeço a todos que acreditaram em mim e no meu potencial, todo o percurso até aqui valeu muito a pena.

*“Ponha a sua vida nas mãos de
Senhor, confie nele, e ele o
ajudará. Ele fará com que a sua
honestidade seja como a luz e
com que a justiça da sua causa
brilhe como o sol do meio-dia.”*

Salmos 37:5

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema e proposta uma análise da cobertura da Rádio Gaúcha na enchente de 2024 no Rio Grande do Sul e os desafios da convergência midiática, abordadas por Marcelo Kischinhevsky (2007) e Luis Artur Ferraretto (2021). O levantamento permeia os objetivos de uma análise minuciosa desenvolvida pela emissora em questão durante a maior tragédia climática do estado gaúcho até o fechamento deste documento. Foi realizada a observação de como aconteceu e se ocorreu alguma adaptação de linguagem nas informações para os públicos que acompanhavam em diferentes plataformas e tem entre os motes compreender como as plataformas auxiliaram na disseminação de conteúdos durante a enchente. Para segmentação do assunto foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo embasada por Bardin (1997) e estipulados os dias 02, 03, 05, 06 e 10 de maio para aprofundamento. Com a conclusão do estudo foi possível verificar que a estabilidade de sinal em uma crise ambiental é um desafio constante, mas que a linguagem dos profissionais não sofre com grandes adaptações.

Palavras-chave: Jornalismo. Rádio Gaúcha. Convergência. Radiojornalismo. Enchentes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela da transmissão no YouTube

Figura 2 - Captura de tela da transmissão no YouTube, imagem enviada pelo repórter

Figura 3 - Captura de tela da transmissão no YouTube com a repórter no plano de vídeo

Figura 4 - Captura de tela da transmissão no YouTube durante entrevista remota

Figura 5 - Captura de tela da transmissão no YouTube com repórter ilhado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JORNALISMO	14
2.1. HISTÓRIA DO JORNALISMO	15
2.2. TEORIAS DO JORNALISMO	17
2.3. GÊNEROS JORNALÍSTICOS	22
3. RÁDIO	25
3.1. SURGIMENTO DO RÁDIO	26
3.2. HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL	27
3.3. RÁDIO E CONVERGÊNCIA	31
4. RÁDIO GAÚCHA	35
4.1. HISTÓRIA DA EMISSORA	35
5. TRANSMISSÕES MULTIMIDIÁTICAS	39
5.1. EVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS E O YOUTUBE	39
6. AS GRANDES ENCHENTES	43
6.1. ENCHENTE DE 1941	44
6.1.1. Retrospectiva	44
6.1.2. Resultados	46
6.2. ENCHENTE DE 2024	47
6.2.1. Retrospectiva	47
6.2.2. Efeitos	50
7. METODOLOGIA	52
7.1. MÉTODO	52
7.1.1. Pré-análise	52
7.1.2. Exploração do material	53
7.1.2.1. Tratamento de resultados e interpretação	54
7.1.3. Codificação	54
7.1.3.1. Categorização	55
8. ANÁLISE	56
8.1. DIA 02 DE MAIO DE 2024	57
8.2. DIA 03 DE MAIO DE 2024	60
8.3. DIA 05 DE MAIO DE 2024	62
8.4. DIA 06 DE MAIO DE 2024	64

8.5. DIA 10 DE MAIO DE 2024	66
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
10. REFERÊNCIAS	73

1. INTRODUÇÃO

O material presente neste documento faz uma análise da cobertura da enchente histórica do Rio Grande do Sul no ano de 2024, tendo como objeto de investigação o conteúdo desenvolvido pela Rádio Gaúcha. Os materiais analisados podem ser encontrados no canal do YouTube da emissora, GZH, visto que o quesito em estudo observa, especialmente, os desafios para a cobertura de uma tragédia climática dentro da convergência midiática, especialmente, fazendo o comparativo entre uma mesma transmissão para o rádio e para a internet, com olhar voltado para a plataforma do YouTube.

Ao todo, a emissora realizou mais de um mês de transmissões diárias ao vivo na plataforma digital, com atualizações 24 horas por dia. O alto número de material exigiu um filtro para a seleção de acontecimentos e datas a serem analisadas. Nesse sentido, foram escolhidos momentos fatídicos, nos primeiros dias do mês de maio de 2024, em que a imprensa também buscava fazer uma leitura do que estava acontecendo e que poderia ocorrer no cenário. Cinco dias pontuais foram selecionados. O trabalho de apresentadores e repórteres é o protagonista, uma vez que são as personagens que mais aparecem nas transmissões dentro de suas funções.

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de responder a seguinte questão norteadora: Como a Rádio Gaúcha tratou a questão da convergência midiática na cobertura das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul?

Em complemento, esta pesquisa busca, essencialmente, analisar o processo de cobertura da Rádio Gaúcha na enchente de 2024 no estado gaúcho com o viés da convergência midiática, nesse sentido foram traçados os seguintes objetivos:

- Analisar os desafios da convergência midiática na realização da cobertura das enchentes do Rio Grande do Sul em 2024 feita pela Rádio Gaúcha;
- Observar como os repórteres e apresentadores fizeram a adaptação de linguagem e informação para públicos de diferentes plataformas;
- Entender como as plataformas multimídia auxiliaram na disseminação da informação durante a enchente.

Além deste capítulo de introdução, outros oito capítulos integram este documento em busca de tornar esse material compreensível e atingir respostas para os objetivos listados.

O segundo capítulo discorre sobre o conceito de jornalismo e particularidades da profissão, especificando o que é a profissão e o que caracteriza um profissional. O trecho pontua aspectos centrais que categorizam diferentes nichos de atuação dos trabalhadores da área, como as teorias e gêneros, sem deixar de percorrer pela história do jornalismo.

Na sequência, o terceiro capítulo aborda o rádio, identificando o veículo sobre o que é e quais são as características desse modo de comunicação. Este trabalho relembra o surgimento do veículo e o processo de desenvolvimento dele no Brasil, desde a entrada no país, desenvolvimento, consolidação e momento atual com a presença de outros formatos de mídia, já adentrando no conceito de convergência.

O texto correspondente ao quarto capítulo se concentra na Rádio Gaúcha e sua história. O material percorre os principais momentos da história da emissora fazendo um paralelo com a importância apresentada à comunidade brasileira.

A quinta etapa adentra no quesito de evolução tecnológica e mídias que surgiram como alternativa para veículos de comunicação tradicionais. Uma ênfase é dada ao YouTube, uma vez que está no foco desta análise. Em paralelo observa-se como os aparelhos mais modernos também auxiliaram no desenvolvimento das plataformas.

O sexto capítulo aborda as maiores tragédias climáticas já registradas até a conclusão deste trabalho no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, em Porto Alegre, nos anos de 1941 e 2024. Os episódios são lembrados a partir de uma retrospectiva detalhando cada um dos dias de cheia na capital gaúcha de forma detalhada e dando ênfase para acontecimentos mais centrais. Por fim, o capítulo aborda também as marcas que cada uma das catástrofes deixou em Porto Alegre.

No sétimo capítulo são expostos os métodos e técnicas para construção deste Trabalho de Conclusão de Curso. Apresentando de forma minuciosa a Análise de Conteúdo, metodologia utilizada, conforme o proposto por Bardin (1997), dando atenção para as três etapas recomendadas pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Já o oitavo capítulo entra nas análises dos materiais definidos anteriormente e busca afirmar ou negar os objetivos previamente estabelecidos, estudando o

material para esclarecimentos sobre quais os desafios enfrentados em tal cobertura em um momento multiplataformas. Para segmentar o material foram analisados os seguintes momentos:

- 02 de maio - a marca de 3 metros de inundação ser superada;
- 03 de maio - suspensão de atividades no Aeroporto Salgado Filho;
- 05 de maio - a cota recorde da cheia, 5m37cm, é atingida;
- 06 de maio - energia é desligada na casa de bombas Menino Deus;
- 10 de maio - corredor humanitário é construído.

Por fim, o nono capítulo retoma os objetivos listados, confirmando-os ou não e relembrando todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. O momento também reflete sobre todas as pesquisas desenvolvidas e conhecimentos levantados a partir dos dados abordados e aponta uma resposta para a questão norteadora.

2. JORNALISMO

Na obra *Conceitos de Jornalismo* (1997), o escritor Michael Kunczik faz a abordagem inicial já apontando que o jornalismo é uma profissão de comunicação, mas realiza a diferenciação, logo no princípio, dos termos comunicador e jornalismo. A leitura é de que o comunicador pode ser entendido em tal categoria ao exercer a função de passar informação, opinião ou entretenimento. Nesse ponto podem estar incluídos quaisquer profissionais da cadeia da comunicação, de jornalheiros a quem produz os conteúdos que tem o poder de influenciar.

Ao afunilar o olhar, o autor entende que o jornalismo é a “profissão principal ou suplementar de pessoas que reúnem, detectam, avaliam, e difundem as notícias” (Kunczik, 1997, p. 16).

Atualmente, há uma maior distinção formal entre os profissionais que praticam jornalismo e aqueles que produzem conteúdos de forma independente e sem a formação jornalística. Para isso, Groth (2011) abre a reflexão de que o fazer jornalístico é algo que existia há muitos anos, com o surgimento dos primeiros jornais e meios de comunicação. Entretanto, o jornalismo enquanto profissão teria surgido no século XIX.

Profissão é uma característica sociológica não no sentido de que a profissão serve a uma comunidade, que se insere sem atritos na vida comunitária, mas sim no sentido de que os seus membros formam um “grupo” maior, que a profissão é exercida por um número maior de pessoas que sabem umas das outras, que têm uma consciência coletiva e um certo sentimento de comunhão (ainda que só hajam ligações imateriais entre elas) e que assim assegura a continuidade espacial e temporal da atividade profissional (Groth, 2011, p. 328).

Para Pena (2013), o jornalismo já dialoga com a curiosidade e o medo de algo desconhecido. Uma vez que o homem busca a eliminação do fator surpresa, buscando o conhecimento e provar o contrário. Tal fator é natural do instinto de um ser humano, mas as pesquisas se aprofundam quando o tópico em questão desperta o interesse do indivíduo e a vontade de ter mais detalhes sobre o caso.

Na obra, o autor detalha que o trabalho de um jornalista busca provar a segurança dos profissionais quanto ao conhecimento de determinado assunto. Portanto, Pena (2013) entende também que o jornalismo pode ser separado de duas formas: positivo e negativo, seguindo a teoria utilizada por Pierre Bourdieu. O viés positivo está interligado ao jornalismo quanto a uma prestação de serviço público e o

negativo está relacionado ao lado econômico, onde a informação é tratada como uma mercadoria comercial.

Para definir o profissional de jornalismo, o jornalista Kunczik (2002) discorre que a atividade desempenhada necessita de algumas ações específicas por parte dos profissionais para resultados agradáveis. A troca de experiências com colegas de profissão de outros veículos e o diálogo com superiores é apontada por ele como uma ferramenta para a ampliação e aprofundamento de temas jornalísticos. É a partir dessas trocas que o profissional consolida e forma a própria imagem, além de também auxiliar no posicionamento do local em que trabalha diante da visão social.

O jornalista é independente, dinâmico e duro, como o detetive particular. Luta imperturbavelmente num cenário de suborno, corrupção, crime e outros vícios humanos e atos fraudulentos. Qual lobo solitário na selva da maldade do comércio e da política, é valente, incorruptível, responsável, humanamente probo - e descobre a verdade (Kunczik, 2002, p. 151).

2.1. HISTÓRIA DO JORNALISMO

Traquina (2005) relembra que o surgimento do jornalismo como conhecemos hoje está relacionado à expansão dos meios de comunicação. A expansão estaria datada no século XIX, na crescente da imprensa que ganhou mais espaço no século seguinte, especialmente com o surgimento do rádio e da televisão.

Com as movimentações do processo de evolução da profissão com o passar dos anos, Marcondes Filho (2000) faz uma separação de marcos históricos para o desenvolvimento do jornalismo até o que temos hoje:

- i. Pré-história do jornalismo: de 1631 a 1789. Época de uma economia mais escassa, produção artesanal e distribuição das informações semelhante à produção e distribuição de livros.
- ii. Primeiro jornalismo: 1789 a 1830. Escritores, políticos e intelectuais à frente dos negócios. Conteúdo com foco literário e político com textos críticos. A economia ainda era fraca.
- iii. Segundo jornalismo: 1830 a 1900. Período que o jornalismo passa a ser considerado uma profissão e surge o conceito da imprensa de massa. São criadas as reportagens e manchetes, além do uso de publicidade e consequente consolidação econômica.

- iv. Terceiro jornalismo: 1900 a 1960. Monopolização do mercado por grandes grupos editoriais e nomes políticos. Grandes tiragens.
- v. Quarto jornalismo: de 1960 em diante. Informação eletrônica, com dinamismo e velocidade na distribuição das informações. Mudança das funções do jornalista, valorização do visual e crise da imprensa escrita.

Dentro do quadro elaborado por Marcondes (2000) o pensamento se encontra ao de Traquina (2005), que destaca o século XIX de grande importância para o desenvolvimento do jornalismo. Principalmente, pelas questões do desenvolvimento econômico do ofício com o uso da publicidade para a geração de renda.

O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro mas media, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda (Traquina, 2005. p. 34).

Após esse período, o século XX ficou marcado pela relevância de alguns veículos de comunicação e prestígio de jornalistas. Inicialmente, o vínculo desses profissionais estava relacionado aos meios de comunicação impressos, mas a reputação e alcance evoluíram gradualmente com a expansão dos meios de informação que surgiram ou foram impulsionados pela tecnologia. Consequentemente, surge a crise da imprensa escrita.

O rádio é o primeiro veículo a surgir dentro do processo de evolução das formas de mídia e disseminação da tecnologia. Por volta do chamado segundo jornalismo, por Marcondes (2000), a tecnologia das ondas começou a ser aplicada para meios de comunicação, isso até por volta de 1910, já no século XX, período definido anteriormente como o terceiro jornalismo. Ferraretto (2001) destaca que mesmo com uma primeira transmissão de som sem fio sendo realizada em 1906, foi em 1916 quando as transmissões passaram a ser convencionadas.

Kunczik (1997) lembra que no passado os bardos viajantes podem ser considerados os predecessores dos jornalistas. Essas pessoas faziam o papel de comunicar e comentar os acontecimentos em locais como feiras, mercados e grupos da aristocracia. O papel desenvolvido era semelhante ao de mensageiros e escrivães públicos. Com o passar do tempo, outras pessoas com acesso à informação também foram assumindo esse papel. Entre eles estão os editores de livros, administradores de correios, diplomatas e negociantes. Kunczik (1997) discorre que os primeiros

jornalistas-escritores eram os correspondentes de príncipes governantes de cidades imperiais, cidades-estado ou casas comerciais.

Com o surgimento de novas tecnologias e consequente evolução e alcance do jornalismo, Bourdieu (1997) lembra que a profissão passou a encarar uma maior pressão e cobrança provocada pelo imediatismo. Dessa forma, passaram a ser mais credibilizadas as notícias em primeira mão ou os “furos” de reportagem como são popularmente chamadas as informações que saíram exclusivamente em um veículo em primeiro momento.

Pena (2012) descreve esse imediatismo com dados levantados por Kunczik (1997). “Enquanto em 1622 cerca de 75% das notícias tinham já mais de duas semanas, em 1906 mais de 90% haviam acontecido no dia anterior” (Pena, 2012, p. 40). Nesse aspecto, já é possível observar o aumento do imediatismo noticiário interligado ao desenvolvimento das novas tecnologias, como por exemplo, o rádio.

2.2. TEORIAS DO JORNALISMO

As teorias do jornalismo auxiliam no processo de entendimento e desenvolvimento da profissão e de notícias e reportagens, por exemplo, instrumentos de trabalho do jornalista. Pena (2012) destaca dez principais teorias de estudo dentro do campo jornalístico, são elas: teoria do espelho, *newsmaking*, *gatekeeper*, organizacional, gnóstica, do agendamento, instrumentalista, etnográfica, dos definidores primários e a espiral do silêncio e a teoria da nova história.

Em ordem, a teoria do espelho é definida por Pena (2012) como a teoria do reflexo da realidade que o jornalismo busca refletir. Nesse sentido, a imprensa em um todo trabalha como um espelho de reflexo dos acontecimentos que precisam ser vistos. Além disso, na construção da teoria o jornalista é um observador imparcial que tem a função de emitir relatos sobre a realidade. Traquina (2005) levanta que essa teoria é a primeira desenvolvida para explicar o porquê as notícias são como são. Em complemento o autor também reflete sobre a visão do jornalista ser um observador, como o apontado por Pena (2012) também.

Central à teoria é a noção-chave de que o jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de *informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer*. (Traquina, 2005, p. 147).

A teoria do espelho é considerada por Pena (2012) sendo bastante limitada, deixando claro que não busca questionar a integridade dos profissionais promovendo o convite para ser avaliada tal conceito a partir de diferentes óticas, como se os espelhos mudassem, a luz ou angulação fossem se alterando. Consequentemente, o reflexo das informações com as variações de ambientes tende a mudar a perspectiva.

Tendo como base a obra de Pena (2012), a teoria do *newsmaking* é colocada em posição oposta e de rejeição à teoria do espelho apresentada anteriormente. A percepção é de que o jornalismo não reflete a realidade, mas auxilia a construção dela dentro das suas funções. Dentro da obra o autor cita a socióloga Gaye Tuchman, referência em estudos da teoria, que faz comparação da produção de notícias com uma rotina industrial.

A visão ganha força ao serem analisados esquemas rotineiros presentes dentro das redações. Inicialmente, a divisão de tarefas entre comandantes e comandados, por exemplo, na sequência tem as divisões editoriais, aumentando o processo de setorização. Por fim, “com hora de fechamento e cartão ponto, encerra a trilogia organizacional” (Pena, 2012, p.131).

Também chamada por alguns autores como a teoria da ação pessoal, a teoria de *gatekeeper* está direcionada a quem tem o poder de decidir, de acordo Traquina (2005). Idealizada por David Manning White, nos anos de 1950, a teoria é considerada a primeira dentro da literatura acadêmica sobre o jornalismo. A definição reflete sobre a aprovação ou rejeição de pautas e quais os motivos que podem impedir a publicação a partir do momento que é apresentada a um líder de equipes.

Para observar os critérios, White acompanhou durante uma semana um jornalista que era responsável pela seleção de pautas de uma redação e anotou todos os motivos pelos quais as pautas não selecionadas eram recusadas. Ao final do experimento, a conclusão alcançada era de que as decisões eram arbitrárias e subjetivas. Além disso, estavam relacionadas às expectativas e conhecimentos colecionados por esse editor. As principais desculpas para as negativas encontravam-se à falta de espaço, repetitividade ou sem interesse de viés jornalístico.

Entretanto, estudos mais recentes e apontados por Pena (2012) teriam mostrado que a teoria do *gatekeeper* perdeu prestígio e passou a ter mais relação com aspectos profissionais voltados para a rotina de produção de uma informação do que por uma avaliação individual.

A teoria organizacional, como o próprio nome diz, está interligada à organização para qual o profissional está trabalhando naquele momento. Tanto Traquina (2005) como Pena (2012) compartilham dessa percepção sobre a teoria, em que as condições que são oferecidas por alguma empresa para o profissional impactam no resultado final do trabalho jornalístico.

Isto é, o trabalho dos jornalistas está diretamente ligado aos instrumentos que ele dispõe, especialmente o viés econômico. Os autores apontam seis tópicos que causam um certo conformismo nos jornalistas quanto às políticas da organização: *Autoridade institucional e as sanções, sentimentos de dever e estima para com os chefes, aspirações de mobilidade profissional, ausência de fidelidade de grupo contrapropostas, caráter prazeroso da atividade e as notícias como um valor*. Em linhas gerais, o sociólogo Warren Breed aponta que, na maioria das vezes, a linha editorial adotada pelas empresas é seguida.

A teoria gnóstica é relacionada por Pena (2012) como uma linha de conhecimento esotérica, de algo místico. Isto é, é transmitida de forma simultânea como uma tradição ou, melhor ainda, ritos de iniciação. A gnose é definida como uma forma de transmissão de conhecimentos quase secretos, que pertencem a um seletivo ambiente. A partir do cenário jornalístico, Pena (2012) observa que a identidade do grupo se encaixa em uma estrutura gnóstica, especialmente pelos costumes, vocabulário e alguns “ritos” pelos quais todo iniciante deve passar.

Para explicar melhor Pena (2012) abrange a rotina nas redações quando existe um novato na profissão dentro do ambiente:

O profissional novato recebe o nome de foca e tem uma espécie de batismo nas redações. Na televisão, os veteranos pedem que ele pegue a lâmina de corte para a edição. Nos jornais, mandam o sujeito até a calandra e pedem para entrevistá-la. [...] Na interação com os jornalistas mais velhos, os neófitos passam pelo processo de acumulação de saberes específicos sobre a profissão. E só então começam a fazer parte da tribo (Pena, 2012, p.139).

Assim, também é feita a reflexão por Pena (2012) sobre quais locais possuem maior importância de estar presente e integrar o grupo por completo. O autor reflete, inclusive, que muitas vezes o “fumódromo” pode ter mais relevância e importância do que a sala do diretor. O pensamento sobre a teoria gnóstica é concluído pelo autor de que apenas os recebidos dentro de determinada iniciação acessam todos os conhecimentos.

As notícias têm uma estrutura de valores que são compartilhados pelos jornalistas em si, embora carreguem ecos da interação com a sociedade. Esse compartilhamento é nitidamente uma operação gnóstica, com ritos de

passagem e forte conotação de conhecimento secreto, só acessível a uns poucos iniciados, os próprios jornalistas (Pena, 2012, p. 141).

Pena (2012) aborda a teoria do agendamento explicando que ela consiste em reger a conversa dos consumidores de notícias a partir do que é publicado. Também chamada de *agenda setting*, especialmente nos Estados Unidos, a teoria teve início na década de 1970, mas o autor lembra que Walter Lippmann, em 1992, teria feito uma sugestão de uma relação entre a agenda midiática e a agenda pública no livro *Public opinion*.

Castro (2013) aponta que as pessoas ainda possuem o poder de excluir ou incluir os próprios conhecimentos dentro de um conteúdo. Além disso, discorre que o papel da mídia se encaixa na construção de uma imagem da realidade social, na organização de elementos de uma mesma imagem, e na formação de opiniões e novas crenças. Pena (2012) destaca que os estudos mais recentes ainda aplicam os conceitos iniciais do agendamento, entretanto não fazem isso de uma forma tão determinada. Ele sugere que é necessária uma reflexão sobre a influência da mídia na priorização de assuntos que viram o tema de diálogos sociais.

A teoria instrumentalista ou da ação política é citada por Pena (2012) de forma que as notícias seriam uma prestação de serviços para o mundo político, isto é, a teoria busca entender se existe parcialidade em textos que sejam publicados. Nisso o autor faz uma divisão entre “esquerda” e direita. A primeira teria o entendimento de que as informações são um instrumento para a manutenção do status capitalista, enquanto o viés de “direita” interpreta os textos como úteis para que o sistema seja questionado.

No artigo “Relações de interesse” na revista *O Cruzeiro*: Uma visão instrumentalista, Ana Haubert, aponta fatores que sustentam essa teoria, nisso estão inclusas a falta de autonomia dos jornalistas, relações próximas entre empresários e donos de veículos de imprensa e notícias que são o produto de interesses e relações políticas. Pena (2012) completa que independentemente da versão ou lado político as questões às quais os lados de esquerda e direita se referem coincidem em pontos semelhantes, mesmo que as perspectivas sejam divergentes.

Ambas as versões trabalham com pressupostos bem marcados. Entretanto, enquanto uma defende que o papel dos profissionais de imprensa está reduzido à função de cumpridor de ordens patronais, a outra acredita que os jornalistas têm controle pessoal sobre a produção da notícia e estão dispostos a influenciar o noticiário com defesa de suas ideias. Visões diferentes, mas limitações muito parecidas. (Pena, 2012, p. 149).

A teoria etnográfica é explicada por Pena (2012) sobre a necessidade e dificuldade do jornalista conseguir alcançar outras percepções para produzir algum conteúdo sobre determinado assunto, podendo se livrar de qualquer conceito já existente para então alcançar outras visões. O autor considera os aspectos culturais para justificar a dificuldade de ter outras percepções. Nesse sentido, o trabalho de campo é valorizado, pois, conforme o autor, é preciso viver algumas experiências e mergulhar em história para a construção mais limpa possível de uma realidade.

No artigo “Etnografia e Pesquisa em Jornalismo: Aproximações Teórico-Metodológicas para os estudos de newsmaking (2018)”, as autoras Livia de Souza Vieira e Maria Elisa Máximo fazem uma abordagem do papel e aplicação da teoria etnográfica atualmente. Elas refletem que o interesse pelo modo de apuração etnográfica tende a ser o mais procurado e explorado nas pesquisas jornalísticas diante de uma realidade altamente maleável que passa, por exemplo, por desterritorializações.

Os definidores primários e a espiral do silêncio refletem sobre os impactos de fontes privilegiadas na construção de notícias, conforme Pena (2012). Isto é, pessoas que estão em cargos privilegiados e que respondem questões importantes para a construção de uma notícia, como governadores, prefeitos, presidentes de instituições e outros agentes, são consideradas as definidoras primárias e que norteiam o trabalho do jornalista. Afinal, eles tendem a ser os primeiros a serem procurados pela reportagem por oferecerem credibilidade à informação.

Em consequência, a teoria da espiral do silêncio, conforme Pena (2012), se encontra com os definidores primários no ponto em que algo é priorizado pelo fácil acesso. Isto é, enquanto algumas fontes são mais fáceis de chegar até elas, alguns posicionamentos ou opiniões acontecem pela facilidade de acesso dos leitores ou telespectadores, por exemplo. Desta forma, o que mais aparece na mídia tende a ter um alcance ainda maior e ganha ainda mais protagonismo, enquanto outros pontos de vista que não recebem tanta atenção permanecem em silêncio.

A teoria da nova história também vem para acrescentar no processo de entendimento do Jornalismo e seus aspectos. “Seu método consiste em interpretar a história não a partir dos eventos, mas tomando como referências os pressupostos de formação desses mesmos eventos” (Pena, 2012, p. 157).

A prática que o autor sugere que seja adotada para o jornalismo é a mudança de hábitos do profissional. Onde, ao escrever, a tática adotada pelo jornalista não seja

a partir do que acontecer naquela celebração, mas sim a partir do porquê essa data existe e como foi formada. Ao citar o teórico Michel de Certeau, Pena (2012), faz relação entre a História e o Jornalismo e que ambos são ciências de interpretação, nesse sentido os contextos históricos podem ser melhor explorados pelos profissionais.

2.3. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O debate sobre quais são os gêneros jornalísticos existe desde a década de 1950. Desde então, as discussões sobre o tema têm ganhado força e constância. No artigo “Gêneros jornalísticos: Repensando a Questão”, o autor Jorge Lellis Bomfim Medina (2001) destaca que os gêneros jornalísticos são definidos a partir do modo de produção dos veículos de comunicação e do cenário cultural onde cada empresa está inserida. Antes de classificar os gêneros jornalísticos devemos entender a definição do que é um gênero. Para isso, Lia Seixas retoma Bakhtin (*In Rosa dos Gêneros*, 2007, n. p.) para definir o gênero:

Gênero é um conjunto de enunciados mais ou menos marcados pelas especificidades de um contexto de enunciação, onde uma dada atividade humana recorrente está em andamento em um contexto de cultura. Esse conjunto de enunciados é marcado também pela esfera de utilização da língua, pelo objetivo comunicativo, pelo conteúdo explorado.

O primeiro cientista envolvido no estudo dos gêneros foi Platão, ainda na Grécia Antiga. Inicialmente, o estudioso realizou uma classificação binária, dividindo entre epopeia e tragédia, que se incluíam no gênero sério, e comédia e sátira, pertencentes ao gênero burlesco. Entretanto, um tempo depois Platão refez a classificação, agora com três modalidades: gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia), gênero expositivo ou narrativo (ditirambo, nomo, poesia lírica) e gênero misto (união das classificações citadas anteriormente, epopeia).

Até a definição de que determinado conteúdo pertence a um determinado gênero existe um processo de produção. Medina (2001) apresenta a explicação de que os gêneros jornalísticos têm a função de orientar os receptores da informação, facilitando a identificação do conteúdo abordado em um texto, por exemplo. Visando esse auxílio no processo de interpretação e identificação prestado pela classificação

de gêneros, o autor destaca que os gêneros jornalísticos são elencados em quatro grupos pelos jornais brasileiros: informativo, interpretativo, opinativo e entretenimento.

Com base nas exposições também declaradas pelo professor José Marques de Melo (1998), Medina (2001) sugere uma classificação diferente, com os seguintes tópicos: informativo, opinativo, utilitário, ilustrativo, propaganda e entretenimento. Após essa primeira divisão são definidos os elementos que possuem a cada um dos grupos:

- i. Informativo: Nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada;
- ii. Opinativo: Editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta e crônica;
- iii. Utilitário: Roteiro, obituário, indicadores, campanhas e materiais educacionais;
- iv. Ilustrativos: gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricaturas e fotografia;
- v. Propaganda: Comercial e institucional;
- vi. Entretenimento: Histórias em quadrinhos, jogos, passatempos, palavras cruzadas, charadas, etc.

Analisando algumas das diferentes formas textuais, é possível entender melhor sobre o gênero em questão. A notícia, que compõe o informativo é definida por Beltrão (1969) como “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (p. 82). Assim, a notícia faz basicamente o serviço de narrar fatos que acontecem na sociedade, transmitindo esse conhecimento para as pessoas. Contudo, Melo (1994) já traz a percepção de que a notícia se trata de um caso já conhecido pela sociedade.

Uma ligação é destacada por Melo (2003, p. 11) entre o informativo e o gênero opinativo ao citar que “[...] os gêneros opinativos e os mecanismos usados pelos agentes sociais a ele ligados interferem na direção ideológica dos fluxos informativos” explanando que o opinativo pode vir a interferir na mensagem do informativo conforme a maneira que o mecanismo for utilizado.

Por sua vez, o gênero utilitário é descrito pelos autores como um serviço, saciando dúvidas do cidadão e transmitindo dados que minimizem preocupações diárias da população. A função dessa forma jornalística está diretamente ligada ao papel exposto por Marques de Melo & Assis (2016, p. 228) como “[...] orientar o leitor, seja para o consumo de bens simbólicos, para o lazer e a cidadania”.

Incluído no material elaborado por Medina (2001), o gênero ilustrativo está embasado, conforme o autor, pelo recorde da realidade que a fotografia fornece, por exemplo. Esses elementos visuais são complementares ao texto ou a um título, provocando um casamento perfeito, facilitando a transmissão da mensagem.

A propaganda por sua vez, ao ser observada do viés jornalístico, está voltada a questões comerciais e até de manutenção dos veículos de comunicação, bem como divulgações de programas e produções próprias.

Por fim, seguindo a linha de raciocínio apresentada por Medina (2001), vem o entretenimento. O gênero não está relacionado a questões importantes e que alterem a vida do receptor, uma vez que são espaços voltados para distração do leitor e voltados para curiosidades sobre celebridades, por exemplo.

3. RÁDIO

Luiz Artur Ferrareto (2001) apresenta o rádio como um meio de comunicação que usufrui de ondas eletromagnéticas para a transmissão de mensagens sonoras. Ele aponta que, por ser um meio de comunicação de massa, o rádio chega a uma audiência mais ampla, diversificada e anônima, sem saber a quem chega. Nesse sentido o autor sugere uma reflexão.

[...] pode-se comparar a comunicação radiofônica a uma palestra realizada em um enorme auditório às escuras. [...] À medida que o discurso prossegue, surgem dúvidas e questionamentos entre a plateia, que aguarda o final da palestra para externá-los. Quando isso ocorre, a participação do público já se dá fora do âmbito de um debate ou de um acréscimo de ideias (Ferrareto, 2001, p. 25).

Ferrareto aponta que a comunicação por meio radiofônico trabalha seis fatores visando uma forma de reposição a elementos que ficam impedidos de aparecer no rádio. Tendo claro que a postura corporal, por exemplo, não consegue exercer seu papel nesse veículo, o autor lista os aspectos que fazem parte da transmissão da mensagem: capacidade auditiva do receptor, linguagem radiofônica, tecnologia de transmissão e recepção empregada, fugacidade, tipos de público e formas de recepção.

Paul Chantler e Sim Harris (2001, p. 21) relacionam o rádio com uma das formas mais eficientes de estimular o imaginário, segundo eles, “[...] são imagens que, no rádio, não se limitam ao tamanho da tela. Elas têm o tamanho que você quiser”. Os autores fazem um destaque especial para a rapidez e simplicidade do meio de comunicação. Essa observação é destacada pela facilidade de entrar ao vivo e transmitir a informação com poucos equipamentos e sem a necessidade de grandes equipes. Exatamente por essas características, os autores sugerem que a velocidade e a simplicidade do veículo sejam utilizadas da melhor forma possível pelos profissionais.

O fator proximidade é ressaltado por Ferrareto (2001). Ele exemplifica que a comunidade é incentivada a participar da programação da rádio, fazendo parte do processo de construção do veículo. Essa interação pode colocar os ouvintes no lugar de entrevistados e de comunicadores, quando levam para até os profissionais informações ou reclamações de núcleos setorializados.

Ferraretto (2001) destaca em sua obra a capacidade de adaptabilidade e a flexibilidade do rádio. Afinal, o veículo tem a capacidade de agregar notícias, entrevistas, debates, opiniões, história, entretenimento, humor e música. Esse aspecto proporciona diferentes possibilidades de atrativos para os públicos que são desejados alcançar.

3.1. SURGIMENTO DO RÁDIO

O final do século XIX foi marcado pelas primeiras transmissões de rádio. Após o advento do jornalismo impresso, o veículo passou a ser uma aposta do processo comunicacional. Conforme Ferreira (2013), como o rádio surgiu a partir do desenvolvimento da telegrafia sem fio não existe um consenso entre os países sobre o inventor do meio de comunicação.

Isso acontece porque, conforme os registros brasileiros, por volta de 1893 e 1894, o Padre Landell de Moura realizou transmissões pela telegrafia sem fio. Por isso, o cientista e religioso de Porto Alegre é considerado um dos pais do rádio. Ferreira (2013) lembra que, inclusive, movimentos são realizados para que Landell de Moura seja reconhecido como o inventor e pioneiro das telecomunicações.

Entretanto, outras referências colocam Guglielmo Marconi como o inventor da forma de comunicação e a primeira transmissão teria sido realizada no ano de 1899. Porém, Ferraretto (2001, p. 82) afirma que o título entregue a Marconi foi atribuído de forma equivocada, pois o empreendedor na verdade tinha a patente de descobertas que ele tinha conhecimento e a partir disso desenvolvia equipamentos mais potentes e qualificados.

Mas o surgimento da tecnologia ganha mais versões, segundo Ferraretto (2001):

Embora o senso comum atribua a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, pode-se afirmar que a radiodifusão sonora constitui-se no resultado do trabalho de vários pesquisadores em diversos países ao longo do tempo, representando o esforço do ser humano para atender uma demanda histórica (Ferraretto, 2001, p. 80).

Outra versão do surgimento das telecomunicações está voltada para o austríaco, naturalizado norte-americano, Nikola Telsa. Ele também patenteou os estudos que fazia sobre o assunto e foi reconhecido pela Suprema Corte Norte-

americana em 1943 como o inventor do rádio. Reginald Aubrey Fessenden é outro nome presente nessa história, ele é visto no Canadá como o precursor do rádio e o primeiro a fazer a transmissão da voz humana sem o uso de fios.

Ferraretto (2001) faz a leitura de que transmitir apenas sons, sem o uso de fios, não significa o surgimento do rádio, mas sim o advento da radiotelefonia. A forma como se convencionou chamar de rádio pode ser discutida a partir de 1916, quando o russo radicado nos Estados Unidos, David Sarnoff antevê na Marconi Company as possibilidades de utilização da tecnologia existente para a conformação de um novo produto. Esse aspecto representa uma virada de chave apontada por Maria Cristina Romo Gil (1994):

No princípio, [o rádio] nasceu como um meio de comunicação bidirecional. Sua função era servir como elo de ligação entre dois sujeitos fisicamente afastados que precisavam estar em constante comunicação. A transmissão e a recepção atuavam entre os dois, havendo comunicação propriamente dita entre ambos (Gil, 1994, p. 35-35).

Um dos marcos do rádio mundial é apontado em meados dos anos 20, pois a British Marconi fazia transmissões regulares na Grã-Bretanha desde 1919. Após, em 1926 a radiodifusão é estatizada pelo governo britânico e encampa a empresa que integra, a partir de então, a British Broadcasting Corporation. O surgimento da BBC estabelece uma forma de fazer rádio distinta da norte-americana. Ferraretto (2001) completa que o modelo implantado pela BBC na radiodifusão pública viria a dominar o cenário europeu até os anos 70. Portanto, no Brasil, a influência norte-americana foi predominante.

A emissão radiofônica passa a ser concebida com um serviço público alheio aos interesses das indústrias radiofônicas e independentes do governo, baseado em um estatuto especial de concessão que lhe garante o monopólio e inteiramente financiado pelos usuários do serviço (Sartori; Grazzini, 1987, p. 228).

A partir das divergências entre pesquisadores e países quanto ao criador da forma de comunicação utilizada pelo rádio fica claro que o veículo foi estabelecido por diversas contribuições que auxiliaram na constituição do que conhecemos hoje.

3.2. HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

Foi após a Primeira Guerra Mundial que o veículo de comunicação chegou ao Brasil. Isso ocorre, principalmente, devido à busca por novos mercados de indústrias

norte-americanas do ramo das eletroeletrônicas. Ferraretto (2001) aponta o capitalismo, citado por Karl Marx, como motivador da introdução do rádio no país.

O capitalismo tende, portanto, à busca de mercados cada vez maiores, internacionalizando seus interesses. Com o rádio, ocorre, deste modo, processo semelhante ao dos serviços telegráficos e telefônicos, de início operados predominantemente por empresas estrangeiras (Ferraretto, 2001, p. 93).

A primeira transmissão e demonstração pública do rádio no Brasil foi realizada em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, a pedido da Repartição Geral dos Telégrafos. A iniciativa foi feita pela Westinghouse na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em celebração aos 100 anos da Independência. Neste dia foi transmitido o discurso do presidente da República Epitácio Pessoa e trechos da apresentação “O Guarani”, que acontecia no Teatro Municipal.

A empresa norte-americana Wester Eletric também estava no evento e fazia a exposição de transmissores de 500 watts que, posteriormente, foram comprados pelo governo (Ferraretto, 2001).

Foi a partir dessa data que passou a existir um interesse pela implantação do rádio no território brasileiro. Na figura de Edgar Roquette-Pinto, que foi o líder, começou o movimento de pioneirismo do rádio. Com essas forças surgiu a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, com a primeira transmissão em 1º de maio do mesmo ano. Em 1936, Roquette-Pinto faz o movimento de doação da emissora para o Ministério da Educação.

O rádio no Brasil para Zuculoto (2012) está separado em seis fases até chegar aos dias atuais. O primeiro período está ligado ao processo de surgimento e implantação do veículo no Brasil, isso em meados dos anos 1922, pontapé de uma evolução tecnológica utilizada para a comunicação.

A implantação do rádio no país representa, então, uma revolução tecnológica e cultural para a sociedade brasileira. Isto porque, mesmo nos seus primórdios e ainda de forma precária, suas características próprias e diferenciadas do principal meio informativo da época – o jornal – já permitiam uma mais rápida divulgação de informações jornalísticas e a prestação de serviços. Apesar disso, nesta fase o rádio se constrói como veículo de comunicação elitista (Zuculoto, 2012, p.3).

A segunda fase tem início em 1935 e segue até os anos de 1950, com a expansão da TV. Nestes anos, o rádio viveu a chamada “Era de Ouro”, porém a chegada da televisão fez com que o rádio se adaptasse à nova fase. A partir disso, o espaço que antes pertencia a ele é ocupado por um novo aparelho com novas

tecnologias. Esse é o momento em que começa a introdução da informação no rádio, formando o radiojornalismo.

É quando o radioinformativo e, conseqüentemente, as notícias realmente se implantam e passa a se desenvolver utilizando características e recursos do veículo mais adequados à transmissão de informações jornalísticas, entre as quais rapidez e o imediatismo (Zuculoto, 2012, p. 4).

Diante dessa nova realidade chega o Repórter Esso, que visa levar informações sobre a Segunda Guerra Mundial de forma mais rápida. Com a influência do radiojornalismo dos Estados Unidos, a característica da notícia no rádio foi trazida ao Brasil por Esso. Essas identidades estão voltadas para a síntese, clareza, objetividade na forma e estrutura do relato já característico.

Na metade dos anos 1950 a terceira fase teve início e seguiu durante toda a década de 60, quando o rádio sente o impacto da televisão e sofre uma grande queda, até então, a música era o que sustentava e as emissoras radiofônicas passaram de grandes veículos de comunicação a um “vitrolão”.

A quarta fase é registrada nas décadas de 70 a 80. É neste momento que o rádio busca se recuperar do declínio causado pela presença da televisão no país. São incrementadas programações de jornalismo e prestação de serviços. Logo, surgem as FM's, que possuem uma melhor transmissão e qualidade de som. O período pode ser considerado primordial para o desenvolvimento e estabilidade do radiojornalismo brasileiro.

O quinto momento se dá nos anos 90, com o início da era da digitalização, com fortes influências e mudanças causadas pelas novas tecnologias e pela globalização do final do século XX. O jornalismo estilo Repórter Esso sofre influências e adaptações. As emissoras em FM ganham espaço e se disseminam, um leque é aberto e vai além da programação musical, a partir disso a notícia e a informação ganham espaço na Frequência Modulada (FM).

Por fim, a sexta fase descrita por Zuculoto (2012) acontece nos anos 2000, quando a digitalização chega ao rádio. Com a internet se espalhando pelo Brasil e pelo mundo, pode ser considerada mais uma “ameaça” para o rádio, que, dessa vez, encontra na web uma nova forma de adaptação e se mantém forte. Além do rádio por transmissão digital, que engatinha no Brasil, surge também o rádio na internet, com os webrádios. Surge a possibilidade multimidialidade dos conteúdos, indo além do áudio e formando uma nova forma de fazer rádio.

Assim como a invenção do rádio é disputada para saber quem é o verdadeiro pioneiro, a radiodifusão no país também é. Existe uma disputa entre pernambucanos e cariocas. Isso porque os pernambucanos afirmam que a “trajetória radiofônica teve início em 1919, com o funcionamento da Rádio Clube de Pernambuco” e os cariocas apontam que “o mérito cabe à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que entrou no ar em 1923”, essa desavença é relatada por José Marques de Melo, conforme Klöckner. Jung (2007), faz a leitura de que a Rádio Sociedade foi a primeira emissora a ter transmissões regulares e graças ao apoio do governo federal, que fez o empréstimo de dois transmissores.

Conforme Ferraretto, o idealismo dos pioneiros do rádio visava as atividades para o slogan “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. Entretanto, mesmo com o empenho de todos os envolvidos, o início da radiodifusão no Brasil foi precário. Isso inclui os primeiros meses da Rádio Sociedade, que não tinha uma programação fixa.

O surgimento de emissoras em diferentes estados brasileiros ganhou força a partir de 1923 até o início da década de 30. Portanto, Ferraretto (2001) pontua que com a regulamentação da publicidade, em 1932, é determinado o início de uma nova fase na radiodifusão sonora do país. Nesse momento, o veículo está presente na Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

As rádios de frequência modulada (FM's) começaram a funcionar nos anos de 1960 (Ortrivano, 2002-2003). Nessa mesma época foi registrado o aparecimento dos primeiros canais fechados, mantidos por assinatura. Conforme Ferraretto (2002), inicialmente o FM apostava em canais abertos destinados para músicas em um formato de show, os programas tinham um diálogo com o público e eram segmentados, agradando e atingindo diferentes públicos.

Bianco (2008) faz a leitura de que o rádio tinha limitações antigamente devido ao que estava disponível nas frequências AM e FM. Porém, atualmente as possibilidades são bem maiores com os meios digitais, que proporcionam mais chances de escuta. O modo tradicional do AM e FM segue presente nas rotinas e ao alcance do público, mas com os celulares cada vez mais tecnológicos e a internet disseminada, as possibilidades são cada vez maiores.

O processo de reestruturação do rádio, de migração do AM para o FM, ficou marcado como uma evolução tecnológica, mas com conteúdo sem grandes

distinções. A divisão mais notável fica perceptível no final da década de 70, quando a frequência modulada adentra no processo de consolidação, isto é, as emissoras AM tinham uma programação focada no jornalismo, esporte e serviço e as FM's eram as emissoras musicais (Ferraretto, 2001).

Ferraretto (2001) observa que durante os anos 80 e 90 as AM's eram líderes no que se tratava de comunicadores populares, que faziam uma espécie de diálogo com o público. Em contrapartida, a fórmula que funcionava nas FM's de uma programação musical passa a ser mesclada com as notícias pelas rádios Jornal do Brasil FM, do Rio de Janeiro, e a Bandeirantes FM, de Porto Alegre-RS.

A década de 1990 foi importante nesse cenário de desenvolvimento. Afinal, tanto o telefone celular quanto a internet foram inovações que passaram a ser fonte e suporte para a informação. Ferraretto (2007) apresenta a leitura de que foi a partir desses dois agentes que o processo de convergência passou a atingir o radiojornalismo.

3.3. RÁDIO E CONVERGÊNCIA

Kischinhevsky (2007) aponta que o rádio analógico luta há mais de uma década contra o fim do modelo após o surgimento das novas tecnologias digitais. O autor descreve o aparecimento do mundo digital diante do rádio tradicional como uma “sentença de morte” que não demonstrava chances expressivas de salvação. Tal extinção poderia ter acontecido a partir da Feira Industrial de Hannover, em 1996, oportunidade em que um protótipo de radiodifusão digital portátil foi apresentado. Essa teria sido a primeira demonstração de uma possível substituição das interferências tradicionais por um conteúdo digital, tal qual semelhante ao oferecido pelos CD's.

Ferraretto (2021) apresenta no artigo “Um Século em 21 anos: O Rádio Brasileiro sob a Convergência” as mudanças perceptíveis do veículo nos últimos anos e como as alterações foram sendo construídas ao longo da história. Para o autor, os últimos 21 anos analisados foram como se tivesse passado um século dentro desse período devido aos grandes avanços observados nas últimas duas décadas.

Portanto, no exercício de relembrar pessoas que já faziam menção à transformação do veículo, cita-se David Sarnoff (1955), que em 1915 propôs que fosse produzido um equipamento de utilidade doméstica, denominado como receptor

doméstico de rádio. Porém, já em 1990, o rádio ainda era visto com base nas particularidades técnicas, de transmissão e recepção.

Meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas (Ferraretto, 2007, p.23).

Ferraretto (2021) aponta que o rádio, dentro de sua tradição e até um certo metodismo, está exposto a fantasias e formas de “endeusamento”. Esse comportamento de “herói” descrito por Gambaro (2019, p.60) para o veículo pode ser um dos aspectos que proporciona dificuldades para o rádio na contemporaneidade.

Em busca de evitar esse viés de heroísmo, Ferraretto (2021) propõe a percepção do rádio como uma instituição social. Tendo em vista que as mudanças mais notáveis no processo de convergência do rádio foram dentro do século XXI, o pesquisador aponta três pontos que considera como momentos de crise na indústria da radiodifusão sonora:

- i. Econômica: tem viés com processos políticos;
- ii. Modelo de negócio: com o surgimento de novas formas de consumir notícias a partir da consolidação da internet, celulares e das redes sociais;
- iii. Gestão: emissoras que não conseguem gerar novas formas de empreendimentos, apegadas ao passado do rádio e queda na qualidade do conteúdo divulgado para manutenção de margem de lucro.

Diferente do pensamento inicial de que a convergência ocorre a partir de equipamentos mais modernos, no artigo Ferraretto (2021) frisa que essa questão vai muito além do tecnológico, é uma transformação do cotidiano.

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros (Jenkins, 2008, p. 28).

A transformação e readaptação do rádio e do conteúdo foi possível a partir da disseminação da internet, mesmo que o rádio via internet seja considerado uma realidade por Kischinhevsky (2007) desde os anos 90, as diferentes modalidades de fazer o rádio no meio digital ganhou mais alcance após os anos 2000. Os *podcasts* e o *web rádio* são duas vertentes do rádio via internet destacados pelo autor.

Links do rádio virtual, via internet, existem desde os anos 90, onde endereços eletrônicos contabilizavam 1.222 estações de rádio e televisão em todo o mundo, isso já em 1999. Todas as transmissões ali apontadas eram ao vivo, com alcance mundial,

mas obviamente sem a utilização das ondas de rádio. A desterritorialização é fator de destaque para o rádio via internet.

Ainda no viés da internet surge em 2004 e se dissemina no ano seguinte os *podcastings* como um resultado da radiodifusão online. A facilidade de acesso no momento de transmissão ou posterior reprodução faz a diferenciação dessa forma de transmissão para o rádio comercial.

Dentro do artigo “Uma coisa só? Provocações sobre hibridização de rádio, TV e internet sob a convergência”, Ferraretto (2024) aponta duas transformações vividas pelo rádio com a chegada da internet, dos telefones celulares e demais tecnologias com o auxílio de demais pesquisadores:

- a) rádio hipermidiático, aquele “que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco” (Lopez, 2010, p. 119);
- b) rádio expandido, algo “que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (Kischinhevsky, 2016, p. 13-14).

O autor reforça a ideia de Jenkins (2008) citada anteriormente de que a mudança não parte do veículo, mas da mente e do aceite das pessoas que consomem conteúdo. O conceito de remediação é abordado por Ferraretto (2024) no entendimento de que a palavra é a representação de um meio de comunicação em outro, traçando um paralelo com a convergência.

Enquanto a convergência implica necessariamente uma nova linguagem que integre os conteúdos anteriores, a remediação pode ser uma acumulação de conteúdos de diferentes origens distribuídos numa mesma plataforma (Canavilhas, 2012, p. 9-10).

Entretanto, Lopez (2010) e Kischinhevsky (2016) trazem termos diferentes e um tanto quanto distintos ao trabalhar esse mesmo assunto: hipermidiático e expandido. Na medida em que a interpretação feita por Ferraretto (2024) aponta o conceito de expandido mais semelhante ao da convergência e do acúmulo de conteúdos de diversas origens em um determinado espaço, a palavra hipermidiático tem mais semelhanças para a convergência. Isto é, faz parte de um processo de metamorfose dos meios de comunicação anteriores que não surge de maneira aleatória ou espontânea.

A dificuldade das emissoras de rádio em se manterem exclusivamente em formato de áudio são apontadas por Ferraretto (2024) em quatro motivos:

- i. a concorrência entre emissoras de rádio, contra a disputa generalizada pela atenção do público;
- ii. a caracterização de uma sociedade individualista de massa, em paralelo ao surgimento da cultura do pertencimento, relacionada às mídias sociais;
- iii. o consumo de conteúdo em tempo real frente a frente ao consumo secundarizado ou por demanda;
- iv. recepção do que é produzido pelo veículo de comunicação contra o consumo do que é repassado por terceiros após reprocessamento do que foi veiculado pela grande mídia.

Diante desses cenários, o rádio colocou os empresários em uma posição específica, de arriscar em algo novo ou se manter em uma normalidade, com o que já era garantido. Justamente nesse momento em que surge, dentro da proposta de hibridização, as transmissões simultâneas como uma forma de oferecer algo a mais para os consumidores. Utilizando os apontamentos desenvolvidos por Trejo Delarbre (2022) Ferraretto (2024) diz acreditar que “o rádio, ao ganhar imagem e ser transmitido como televisão e internet, se transforma, torna-se um híbrido” (Ferraretto, 2024, p. 8).

Portanto, mesmo com a ocorrência dessa convergência, o rádio segue com duas particularidades citadas por Ferraretto (2012):

- I. a possibilidade de recepção da informação enquanto outra atividade é realizada;
- II. a capacidade do meio atuar como um “companheiro virtual”, com cada integrante do público recebendo a mensagem como se fosse o único destinatário.

Ferraretto (2024) faz a interpretação de que hibridização trabalha uma transmissão audiovisual a partir do sonoro, e o desafio é a conquista da compreensão de ouvintes e telespectadores, que também são internautas em diversos momentos. Afinal, o autor aponta que a perda do fascínio dos telespectadores pela televisão e pela mídia tradicional incentiva a criação de um modelo híbrido e que venha a receber o aceite da população.

Com as diferentes formas de transmissão que vem surgindo ou se disseminando, o jornalista reflete que a nomenclatura dos meios vai partir dos consumidores, uma vez que quem escuta chamará de rádio, quem assiste de TV e de internet para quem se conecta.

4. RÁDIO GAÚCHA

A emissora pode ser encontrada em quatro diferentes frequências, conforme o local em que o ouvinte está no Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, a Rádio Gaúcha pode ser ouvida em 93.7 FM; em 105.7 FM na região de Santa Maria; 102.7 FM na região de Caxias do Sul; e 102.1 FM na região sul do Estado. A emissora também é presente nos meios digitais. Pode ser encontrada no site gzh.com.br e no aplicativo GZH para celulares. Também está presente no YouTube pelo canal de GZH, com transmissões ao vivo, tendo som e imagem dos estúdios.

De acordo com as informações disponibilizadas no endereço eletrônico do Grupo RBS, o qual a Rádio Gaúcha integra a rede de comunicação, a emissora tem um alcance de audiência mensal de 1,1 milhão. Conforme o material divulgado, o público que consome as informações da frequência pertence às classes sociais A, B e C, com idades entre 35 anos e pessoas com 60 ou mais.

A programação da Rádio Gaúcha é voltada para as notícias e conteúdo esportivo, com programação 24 horas, com a maior parte das transmissões sendo feitas ao vivo pelas ondas sonoras e no digital, com ênfase nas imagens do YouTube.

4.1. HISTÓRIA DA EMISSORA

Fundada em Porto Alegre, em 8 de fevereiro de 1927, inicialmente a nomenclatura da emissora foi Rádio Sociedade Gaúcha. A primeira transmissão foi realizada no dia 19 de novembro do mesmo ano. Nessa época, os estúdios ficavam localizados no Grande Hotel da praça da Alfândega, local de renome da capital do Rio Grande do Sul. Com foco educativo e cultura, conhecida como “a voz dos pampas”, a rádio já tinha conhecimento das transmissões que vinham do Rio de Janeiro e países latinos vizinhos.

Na obra “Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais”, Ferraretto (2002) detalha o processo de surgimento da então Rádio Sociedade Gaúcha. O surgimento da frequência tinha como expectativa a reversão do fracasso vivido pela Rádio Sociedade Rio-Grandense e pela inconstância das transmissões da Sociedade Rádio Pelotense.

Reuniões no bairro Cidade Baixa decidiram pela criação de uma associação para a fundação de uma nova emissora no dia 5 de fevereiro de 1927, no dia 9 do mesmo mês e ano o nome sugerido pelo médico oftalmologista Ivo Barbedo, Rádio Sociedade Gaúcha, foi aprovado. Após, sete nomes foram elencados para escrever o estatuto, eram eles: Alcides Cunha, Carlos Ribeiro de Freitas, Gabriel Fagundes Portella, Leovegildo Velloso, Ivo Barbedo, Olavo Ferrão Teixeira e José Baptista Pereira.

O primeiro presidente da emissora foi Fernando Martins de Souza. No mês seguinte da fundação, uma comissão foi estabelecida para divulgação e captação de sócios, a partir disso foi estabelecido um processo de montagem da estação sonora e de arrecadação de valores. A emissora contava com 300 sócios ao ser inaugurada no dia 19 de novembro.

A virada de chave do veículo de comunicação veio 30 anos depois, em 1957, quando Maurício Sirotsky Sobrinho e Arnaldo Ballvé adquiriram a frequência em 3 de julho daquele ano. Conforme o portal do Grupo RBS, a compra da emissora foi o primeiro passo para a formação futura do Grupo. A partir disso também foi formada a Rede Gaúcha SAT. No mesmo ano, em 31 de agosto, foi fundado o Grupo Rede Brasil Sul (RBS), afiliado à Rede Globo 10 anos depois.

Ferraretto (2007) lembra na obra “Rádio e Capitalismo no Rio Grande do Sul” que Ballvé nessa época era dono de diversas emissoras de rádio no interior do estado, que juntas formavam as Emissoras Reunidas. Ao se associar à Ballvé, Sirotsky Sobrinho era um desfalque para o grupo Associados, onde era o principal animador de programas.

Ao assumir a direção da Gaúcha, Sirotsky Sobrinho é o nome mais conhecido da recente aquisição dele e de Ballvé. Nesse processo foi negada a venda da emissora para Assis Chateaubriand diante do temor de que a emissora se transformasse em um equipamento de críticas.

Logo após a transição de comando uma reunião dos sócios teria sido realizada e, conforme Ferraretto (2007) a divisão societária ficou da seguinte forma: Arnaldo Ballvé com 51% e o restante foi dividido igualmente para Frederico Arnaldo Ballvé, Maurício Sobrinho e Nestor Rizzo

Sirotsky teve como desafio uma transformação para estar à frente dos negócios e, em primeiro momento, fez uma seleção dos artistas da emissora, aproveitando remanescentes da Gaúcha. Em um momento o administrador e o

animador irreverente de rádio se confundem, a história e imagem de Sirotsky Sobrinho e da Gaúcha se interligam.

Ferraretto (2007) aponta que entre dezembro de 1957 e fevereiro de 1958 uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) foi realizada e os resultados não foram animadores para os proprietários da Gaúcha. A Rádio Gaúcha ficou em terceiro lugar entre as emissoras de rádio da capital. A qualidade do áudio também recebe críticas duras dos ouvintes.

Em 1958, investimentos potentes, especialmente na equipe de artistas e profissionais de renome, são realizados. Nesse mesmo período, em junho daquele ano Arnaldo Ballvé morre e seu filho, Frederico Arnaldo Ballvé, o substitui. Mesmo com a mudança, a programação segue no comando de Maurício Sobrinho. No mesmo ano os investimentos se estendem também para a área técnica com novos transmissores, aumentando a potência da emissora. De acordo com dados do Ibope, nos anos de 1961, 1963 e 1965, a Rádio Gaúcha já liderava a audiência.

Alves (2025) aborda a programação da emissora que, em 1971, estreia o programa mais antigo da Rádio Gaúcha, o Sala de Redação, na área de esportes e que está no ar até hoje. Também nos anos 70 passaram a integrar a grade de programação o Gaúcha Atualidade (1977) e o Gaúcha Hoje (1978) durante às manhãs.

Em meados dos anos 80 uma nova fase foi estabelecida pela Rádio Gaúcha que antes era voltada para música e informação e passou a focar nas áreas de jornalismo e esporte. Até 1985, conforme o levantamento de Alves (2025) a emissora tinha transmissão entre 6h e a meia-noite, mas em 1985 com o programa Gaúcha na Madrugada, no ar da meia-noite às 3h, em 1988 a duração do título foi expandida e a emissora passou a transmitir notícias 24 horas por dia ao vivo.

Foi ainda nos anos 80 quando a interação dos ouvintes passou a ter a usufruir da interatividade com os ouvintes. Na transição dos anos 80 para 90 a Rádio Gaúcha, ao lado de outras marcas do Grupo RBS, firmou-se como fonte de informação da população.

Em 1986, quando Maurício Sirotsky Sobrinho morreu, a Rádio Gaúcha passou para o controle de seu irmão, Jayme Sirotsky e pelo filho Nelson Sirotsky.

Em setembro de 2017, uma plataforma de notícias online foi criada e intitulada de GZH, sendo uma fusão da Rádio Gaúcha e do jornal Zero Hora. A partir do site,

outras páginas em diferentes plataformas foram criadas com o mesmo título, como no YouTube, que também proporcionou a criação de programas exclusivos.

Em Porto Alegre, conforme o último levantamento do Ibope, a Rádio Gaúcha mantém a liderança do segmento geral na capital gaúcha. Recorde históricos foram observados em maio de 2024 durante a cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul.

5. TRANSMISSÕES MULTIMIDIÁTICAS

Interligado ao que foi tratado anteriormente sobre o processo de convergência das mídias, esse fator favoreceu a criação de novas plataformas. A multimídia surgiu a partir de coisas vistas como básicas atualmente, como comentários em postagens nos sites e mensagens SMS, para entrar em contato com quem está comandando o microfone, conforme aponta Lopez (2001). No artigo “Radiojornalismo hipermidiático: um estudo sobre a narrativa multimidiática e a convergência tecnológica na Rádio France Info”, a autora reflete sobre as mudanças tecnológicas e a capacidade multimídia que os trabalhadores da imprensa precisam desenvolver cada vez mais dentro dessa transição.

Weigelt (2016) reflete que a partir da internet e das possibilidades criadas por ela o rádio também se desenvolveu com as criações que foram ganhando espaço.

A rádio que já era móvel devido à miniaturização aproximou-se ainda mais do ouvinte, transformando-se em um meio quase onipresente, invisível, uma extensão da sua vida: está no carro, no telemóvel, no tablet, no computador, nos canais de televisão por cabo e, claro, nos aparelhos tradicionais (Weigelt, 2016, p. 37).

5.1. EVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS E O YOUTUBE

Conforme Weigelt, a disseminação da internet, combinada com diversos aparelhos que permitem a reprodução do rádio, como computador, tablet e celulares, foi um fator determinante no consumo do veículo. O autor também cita os streamings e a modalidade de webrádio. Para Weigelt, esses fatores possibilitaram que uma nova linguagem fosse adotada pelas emissoras. Ele pontua que “[...] a rádio inclusive tornou-se visual na internet, com recursos como imagens de músicos e capas de discos, textos e factos noticiosos, entre outros” (Weigelt, 2016, p. 38).

Citado por Weigelt, Portela (2011) interpreta que todo o potencial que o rádio tem de se expandir para a internet não foi completamente explorado.

A rádio hertziana assumiu como preocupação a comunicação dirigida às comunidades locais, ao passo que essa vocação fica subvertida na internet, ao herdar desta um alcance global. O distante torna-se próximo e o local projecta-se a limites antes impensáveis. (PORTELA, 2011, p. 56)

As possibilidades de interatividade também se tornaram maiores com a internet e a presença das emissoras nas plataformas. A partir dessa conexão os ouvintes passam a comentar, reagir, opinar, questionar e sugerir agora de forma instantânea. Zucoloto (2012) cita outra transformação quanto a presença do rádio na internet, relacionada à falta da instantaneidade, antes obrigatória para os ouvintes de rádio.

Hoje, o ouvinte não necessita mais ouvir em tempo real, no exato momento da transmissão. Acessando-a pela internet, pode-se voltar atrás, ouvir a qualquer momento ou novamente (Zucoloto, 2012, p. 170).

A partir disso, conforme o autor, uma outra tentativa de fidelização do público surge. A busca passou para que os ouvintes também se tornem acessos fiéis nas páginas digitais. Weigelt (2016) cita Herreros (2011) ao tratar sobre a transição do rádio, saindo de grandes aparelhos para dispositivos pequenos, graças aos transistores reduzidos, que foram instalados em automóveis e seguiu com os ouvintes em versão portátil.

Nesse mesmo sentido, cita-se a evolução de equipamentos e redes como por exemplo o processo de evolução de computadores fixos, para computadores portáteis com conexão Wi-Fi, USB e outras modalidades, na sequência tem os tablets e celulares.

Herreros (2011) lembra também a criação de aplicativos próprios das emissoras, fazendo com que o rádio convencional esteja dentro dos dispositivos móveis. Em um processo evolutivo a ação se torna um impulsionar para as emissoras em plena era digital. Além de poder acompanhar a programação ao vivo, os ouvintes, de acordo com cada aplicativo desenvolvido, acessam notícias, fazem download de materiais, compartilham conteúdos e outras ações.

A realidade aumentada é destacada por Herreros (2011), que observa a possibilidade como uma forma de complementação de informações. Conforme o autor, essa alternativa também incentiva uma melhor experiência dos ouvintes.

A tese apresentada Weigelt (2016) aborda uma dissociação entre o formato e a função do rádio. Com o apoio de Pereira (2012), as hipóteses de *aperfeiçoamento mediático* e de *arranjos mediáticos* são abordadas. O primeiro termo é apresentado de forma que os avanços tecnológicos resultaram em um aprimoramento das plataformas que já existiam. A segunda percepção já faz a leitura de que os aparelhos

se tornaram cada vez mais prováveis a aceitar as mudanças, fazendo com que perdessem algumas especificidades.

Isso implica, portanto, assumir a existência do meio de comunicação de massa a que chamamos de rádio, muito além dos dispositivos tradicionalmente utilizados para consumi-lo (Weigelt, 2016, P. 34-35).

Como abordado, as novas tecnologias surgiram e coube ao rádio integrá-las. A mesma coisa acontece com as novas mídias, a cada nova plataforma um novo perfil tende a ser criado para que, assim como as pessoas, as emissoras também marquem presença. Um aliado da convergência tradicional é o YouTube, que é a plataforma de vídeo referência para as emissoras expandirem seus recursos, ideia reafirmada no artigo “A rádio que “mostra” notícia: uma análise do canal da CBN no YouTube e uma nova categorização do uso de vídeos por emissoras radiofônicas”.

Com a finalidade de ampliar a circulação de sua produção e ocupar novas plataformas, o vídeo tem sido uma estratégia para as emissoras veicularem suas programações, já que estes podem ser acessados no momento que o ouvinte-internauta desejar. Em paralelo a essa expansão do rádio, o consumo de vídeos por usuários da internet tem crescido exponencialmente, principalmente por meio do Youtube (Silva; Peron, 2021, p. 311).

O texto cita plataformas como *Spotify*, *Deezer*, *iTunes*, *Google Play*, que são amplamente utilizadas atualmente e vistas como uma alternativa ao rádio. Entretanto, destaca-se endereços eletrônicos que expandiram as capacidades do áudio do rádio e proporcionam o vídeo como um incremento na experiência de ouvintes que se tornaram telespectadores.

Inclusive, Rosseto e Ferraretto (2016, p. 97) abordam que “[...] quando se fala no contexto atual, é relevante acrescentar que áudio, fotografia, infografia, texto escrito e vídeo complementam-se e convivem com tranquilidade em todos os meios”.

Criado em 2005, não demorou muito para o YouTube fazer sucesso. As possibilidades que a plataforma apresentou a partir do momento em que foi criada foi o grande diferencial para a repercussão. Afinal, os usuários podem fazer *upload* de vídeos, assistir conteúdos quando quiserem e ainda avaliar o que está disponível, por meio dos likes e dislikes, sem falar na possibilidade de opinar sobre o que assistem.

O site História do Mundo aborda o surgimento do site que hoje conta com 2,54 bilhões de usuários. O número, conforme dados expostos pelo portal Backlinko, de julho de 2025, demonstra que 44,9% da população mundial acessa o YouTube regularmente, fazendo da plataforma a terceira com mais usuários entre as demais de mídias sociais.

Com idades entre 25 e 27 anos, Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim eram ex-funcionários da PayPal, uma empresa de tecnologia com sede na Califórnia, e foram os responsáveis pelo registro do domínio *www.youtube.com.br*. O primeiro vídeo da plataforma foi disponibilizado no dia 23 de abril de 2005, onde o cofundador Jawed Karim aparece no Zoológico de San Diego, falando sobre elefantes. O conteúdo completo tem apenas 19 segundos e mais de 370 milhões de visualizações e mais de 15 milhões de curtidas.

Logo após a sua criação, em 2007, o site já fez a primeira transmissão de um debate presidencial. A plataforma foi comprada pelo Google em 2008, pelo montante de US\$1,65 bilhão, considerada uma das maiores aquisições da internet. A partir do negócio foi o momento do site expandir o alcance com toda a infraestrutura oferecida pela “empresa-mãe”, como o Google ficou conhecido perante ao YouTube.

No ranking de sites mais visitados do mundo o YouTube fica na segunda posição, perdendo apenas para o Google, considerado pelo levantamento da DataReportal. A Índia lidera a lista de países que contam com mais usuários na plataforma, com 509 milhões de registros. O Brasil aparece em quarto lugar, com 143 milhões.

Sobre os aparelhos em que o YouTube é utilizado, leva-se em consideração os mais de 10 bilhões de downloads que o aplicativo possui na Google Play Store. Informação essa que explica de certa forma o motivo pelo qual cerca de 69% dos acessos vêm de dispositivos móveis. As conexões com a televisão representam 16% desses acessos, seguida dos computadores de mesa que aparecem apenas com 12%.

6. AS GRANDES ENCHENTES

Segundo estudo realizado pela Aliança Brasileira pela Cultura Oceânica, foi registrado um aumento de 250% nos desastres climáticos entre 2020 e 2023 no Brasil. O período utilizado para análise das estatísticas corresponde de 1991 a 2023, ou seja, a grande enchente de 2024 que atingiu o Rio Grande do Sul não está nos dados, entretanto os números já demonstram um comportamento de reações naturais em elevação até o ano anterior.

De acordo com os pesquisadores, a cada 0,1°C que aumenta na temperatura média global do ar, aconteceram mais 360 desastres climáticos no país. Em complemento, para cada aumento de 0,1°C na temperatura média global da superfície oceânica, foram registrados mais 584 eventos extremos no país. Os dados divulgados pelo site da Agência Brasil revelam que foram 64.280 desastres climáticos no território brasileiro desde 1960.

Em estudo mais aprofundado, o mesmo instituto apresenta uma análise aos fenômenos ligados à chuva, com base no mesmo período citado acima. O relatório afirma que o aumento das chuvas extremas é reflexo de mudanças climáticas e que isso deve se intensificar cada vez mais. Foi identificado um aumento de 222,8% nos desastres causados pela chuva no Brasil.

O levantamento destaca uma tendência de aumento no registro de instabilidade no Sul e Sudeste do país de 30% e uma redução das chuvas no Norte e Nordeste de 40%. Essa projeção foi realizada pelo Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC), com estimativas até o ano de 2100. O outono é a estação que, conforme o estudo, registra mais episódios de desastres no Sul do Brasil causados por chuva.

Em 1941, aconteceu em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a primeira grande enchente do estado. O episódio alcançou recordes e tornou-se parâmetro para registros seguintes. Naquele ano, conforme Guimaraens (2009), em 22 dias, entre 10 de abril e 14 de maio, a capital gaúcha registrou 619,4 milímetros (mm) de chuva e o Guaíba chegou a 4,76 metros.

Em 2024, 83 anos depois desse acontecimento, os recordes que até pareciam fábulas foram superados. O Guaíba registrou 5,37 metros, os meses de abril e maio foram marcados por acontecimentos que não tinham sido vistos antes, mas o maior

destaque fica para o quinto mês daquele ano, quando Porto Alegre e a região Metropolitana registraram 564,8 mm. Entretanto, os 35 dias que antecederam a cheia mais recente tiveram uma maior precipitação no centro da bacia sobre o rio Guaporé, com chuva acima de 900 mm, estudo feito pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS.

6.1. ENCHENTE DE 1941

O episódio ficou marcado na Páscoa daquele ano, uma vez que os fenômenos iniciaram na Quinta-feira Santa. Altos volumes de chuva atingiram o interior do Rio Grande do Sul e alagaram lavouras, por exemplo. Portanto, a rotina na capital não foi afetada. A Enchente de 41, livro escrito em 2009, por Rafael Guimaraens, passa a ser um objeto de estudo relevante.

Naquele ano, a meteorologia apontou o El Niño como vilão. Esse termo é utilizado para um fenômeno que altera a temperatura do planeta da mesma forma que reduz a intensidade do Pacífico Tropical. No Norte e Nordeste os efeitos desse sistema provocam a diminuição das chuvas, enquanto as precipitações aumentam no Sul (Guimaraens, 2009).

6.1.1. Retrospectiva

Uma sucessão de acontecimentos fez com que as chuvas de 1941 ficassem marcadas na história da capital gaúcha.

Na terça-feira, dia 22 de abril de 1941, o céu escureceu, raios riscavam as nuvens, seguidos de trovões que estremeciam a cidade e causavam pânico nas áreas alagadiças. Era o prenúncio de um feroz temporal. (Guimaraens, 2009, p. 31).

Esse dia choveu, ao todo, 115,2 mm, levou pouco tempo para que rios e riachos começassem a transbordar, mais específico, o riacho Dilúvio, a partir disso as águas do Guaíba começaram a tomar a Praia de Belas, localizada ao Sul. Enquanto isso, ao Norte, nos bairros Navegantes e São João, a água impactava o trânsito e fazia com que moradores fossem para outros bairros em busca de abrigo com parentes.

Aos poucos, cada um dos serviços públicos foram parando de funcionar, com os alagamentos a energia elétrica foi interrompida e, conseqüentemente, diversas atividades foram suspensas. Nesse momento era estimado que 40 mil pessoas, aproximadamente, teriam deixado suas casas e os albergues não tinham mais vagas.

Guimaraens (2009) relata que o pior episódio ainda estava por vir. No dia 5 de maio o cenário de alagamento atingiu novos níveis, a água subiu de um lado praticamente até a esquina com a rua Uruguai e se uniu com o acumulado de água que já mantinha a Praça da Alfândega submersa.

Foi nesse mesmo dia que o então presidente da época, Getúlio Vargas, se manifestou sobre a situação do estado gaúcho. Em resposta ao intendente Cordeiro de Farias Vargas, comunicou que o governo federal estava pronto para colaborar com ações de proteção e assistência para os atingidos. Na obra Guimaraens (2009) destaca que compromissos de mais importância não foram assumidos pelo presidente com a unidade federativa.

Enquanto isso,

Todo o parque industrial da cidade concentrado na Zona Norte estava sob as águas. Grandes indústrias, como a Renner, a Gerdau, a Fiação Porto-alegrense, paralisaram suas atividades. Só na fábrica de tecidos Renner, mais de 2 mil operários ficaram sem trabalho (Guimaraens, 2009, p. 57).

O dia 07 de maio foi um ponto chave. A principal fornecedora de energia elétrica para o Centro de Porto Alegre, a Usina da Ponta do Gasômetro, foi atingida pela água. No dia seguinte, 08 de maio, fez sol, a primeira vez desde o início da enchente, entretanto, foi registrada a maior marca até então das águas: 4,76 metros.

Durante alguns dias a altura das águas permaneceu inalterável, nem subiam e muito menos desciam e muitos se adaptavam a tal realidade que permitia até mesmo a pesca e brincadeiras nas avenidas tomadas pela enchente. O risco de epidemias era uma das preocupações, especialmente a partir do contato dos moradores com a água contaminada. Nessa percepção foram aplicadas 55.235 vacinas contra tifo, 14.340 contra varíola e 600 antidiftéricas durante os dias da enchente.

Conforme dados do Palácio Piratini, “[...] mais de 30 municípios gaúchos sofreram os efeitos da enchente. Em Porto Alegre, os primeiros dados analisados pela Delegacia Regional de Recenseamentos apontavam 15 mil residências inundadas, atingindo 70 mil pessoas, especialmente na Zona Norte da cidade” (Guimaraens, 2009, p. 70).

6.1.2. Resultados

Aproximadamente 600 estabelecimentos foram salgados pela enchente de 1941. O levantamento da época calculou um prejuízo de mais de 60 mil contos de réis, valor estimado em 30 milhões de dólares. Em busca da reconstrução e readequação das rotinas, empresários de diferentes segmentos formaram um grupo para cobrar posicionamento das autoridades.

O governo federal tomou como primeira medida prorrogar para o dia 20 de maio dívidas vencidas durante a enchente. Porém, no dia 20, 540 estabelecimentos industriais e comerciais ainda estavam fechados e cerca de 13 mil operários sem trabalho, algumas das empresas nunca mais abriram às portas.

Já no início do mês de junho os dados ainda eram alarmantes, 3,5 mil pessoas atingidas pelos efeitos climáticos continuavam em albergues.

Durante as cheias muitas pessoas se aproveitavam da precariedade e praticavam preços absurdos para produtos básicos, para evitar tal comportamento o Governo passou a tabelar os preços e, caso alguém viesse a infringir a lei, a ordem de prisão estava dada. Por isso, ao final da enchente 117 comerciantes estavam presos por desrespeitarem a tabela.

Em busca de soluções para que novas cheias como a daquele ano não acontecessem mais o engenheiro Hildebrando de Araújo Góes, diretor do Departamento Nacional de Obras de Saneamento, estava no Rio Grande do Sul. Em sua visita propôs o “sistema clássico”, de construção de dique para impedir a infiltração de água, mas essa era apenas uma ideia inicial.

No mesmo período o intendente Loureiro da Silva se aprofundou na proposta, onde uma cortina de proteção deveria ser construída da Usina do Gasômetro até a estrada Theodora, às margens do rio Gravataí. Outra proposta foi sugerida pelo reitor da Universidade de Porto Alegre, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ary de Abreu Lima, onde um muro deveria ser construído da Usina, passando pelo rio, até perto do bairro Navegantes.

Hildebrando retornou ao estado com um plano detalhado de enfrentamento às enchentes. “Ele propôs a construção de diques nos dois lados do Centro da cidade, um partindo do cais em direção a Gravataí e outro da Usina em direção à Zona Sul, sobre um aterro a ser implantado à frente da Praia de Belas” (Guimaraens, 2009, p.

88). Para a zona central, Góis planejou a 'Muralha do Cais'. A partir desse momento a ideia do Muro da Mauá passava a existir, mas sairia do papel apenas 30 anos depois.

Esse sistema de proteção conta com 68 quilômetros de diques, com as duas pontas sendo ligadas pelo Muro da Mauá. Na extensão estão 14 comportas de ferro e 23 casas de bombas. Intitulada nos documentos oficiais como Cortina de Proteção, a estrutura separa a Avenida Mauá dos armazéns do porto. Em busca de evitar a passagem de água pelas rachaduras a construção de mais de 2,6 mil metros de extensão e três metros de altura e três abaixo do solo.

Inaugurado em 1975, o Muro não teve grandes questionamentos. No final da mesma década, lutas ambientalistas começaram a levantar questionamentos sobre a existência da estrutura. Muitas propostas surgiram sobre o que fazer com a estrutura, desde uma possível redução pela metade até a demolição, mas tal fato nunca saiu do papel.

6.2. ENCHENTE DE 2024

Todo o mês de maio de 2024 foi marcado pelas intensas chuvas no Rio Grande do Sul, apenas 19 municípios não foram atingidos pelas intensas chuvas, conforme dados do Governo do Estado. Localidades do interior do RS foram as primeiras a sentir a força das chuvas, contudo, assim como na enchente de 1941, a capital, Porto Alegre, começou a sofrer os efeitos dias depois, diante do escoamento de toda a água que saía de pontos mais altos em direção ao Guaíba.

6.2.1. Retrospectiva

A partir do livro redigido por Malinoski, Gonzatto e Lopes (2024), ao realizarem uma retrospectiva dos fatos, o período que será considerado como enchente será de 1º de maio à 31 do mesmo mês, uma vez que as marcas da tragédia persistem extremamente notáveis mesmo após há um ano e seis meses.

O primeiro dia do quinto mês do ano já iniciou com um cenário totalmente diferente nas ruas da capital e com o Guaíba em elevação. Já com mais de dois metros de altura, comércios da orla se obrigam a fechar, de noite as águas chegam a 2,70

metros, superando a cota de alerta. Já no dia seguinte a cota de inundação, de 3 metros, é superada, o Cais Mauá é tomado pelas águas. As ilhas começam a receber a cheia, alguns terminais da Tresurb são fechados e atividades são suspensas, na Zona Norte os bueiros começam a transbordar.

Os resultados do dia três são uma amostra dos problemas que Porto Alegre terá que enfrentar. A casa de bombas da Avenida Mauá entra em pane e para de funcionar e as pontes do Guaíba são bloqueadas. Além disso, as atividades da Ceasa e do Aeroporto Salgado Filho foram interrompidas. Os 4,76 metros registrados em 1941 são superados e essa passa a ser a pior cheia da história.

A impressão é de que o lago de 496 quilômetros quadrados - o equivalente a uma outra Porto Alegre - está prestes a derrubar não apenas o portão metálico, mas o muro inteiro (Malinoski, Gonzatto; Lopes, 2024, p. 14).

Os cinco metros de altura do lago foram atingidos no dia 04 de maio e mais de 500 moradores do bairro Humaitá buscaram a Arena do Grêmio como refúgio. Com os diques não segurando toda a água, diversas famílias foram removidas às pressas no bairro Sarandi, pacientes do Hospital Mãe de Deus também necessitam ser transferidos. A cota recorde, de 5,35 metros, é atingida na madrugada do dia 05, valor corrigido, posteriormente, para 5,37 metros. Menino de Deus, Praia de Belas e os estádios dos times de futebol da capital, Internacional e Grêmio, estão inundados. Neste momento, cerca de 70% de Porto Alegre tem problemas com o abastecimento de água.

No sexto dia de maio os bairros Menino Deus e Cidade Baixa são inundados após o desligamento de uma casa de bombas, com isso, é orientada uma evacuação imediata por parte da prefeitura. Os dias 07, 08 e 09 reúnem uma sequência de acontecimentos, como um jacaré nadando pelas ruas, a centésima morte no RS é registrada, uma força-tarefa de segurança é montada e busca inibir saques e a casa de bombas é reativada aliviando a situação na Azenha.

Após, no dia 10, uma situação entrou para a história da capital gaúcha. As imagens da demolição da passarela da Estação Rodoviária marcaram o dia, afinal a estrutura foi derrubada para a criação de um corredor humanitário para viabilizar a circulação de pessoas e a entrega de mantimentos. No dia seguinte o Guaíba demonstrou um certo recuo, chegando a 4,56 metros, a menor marca dos últimos dias.

Os dias seguintes foram de pequenos reflexos de uma possível melhora que era seguida de informações negativas por parte da meteorologia. Seguindo o comportamento abaixo:

- i. 12 de maio - Foco no patrulhamento de casas vazias;
- ii. 13 de maio - Guaíba voltou a subir e ultrapassar os 5 metros no meio da tarde;
- iii. 14 de maio - Nível chega a 5,25 metros, o vento obriga que moradores do Lami desocupem suas casas;
- iv. 15 de maio - A Estação de Tratamento de Água (ETA) Moinhos de Vento volta a operar após 12 dias e alcançar 21 bairros;
- v. 16 de maio - Previsão da UFRGS aponta que a cheia deve chegar até o dia 25 de maio;
- vi. 17 de maio - O lado de fora do Muro do Mauá está com a água mais alta do que do lado de dentro, comporta 3 é derrubada;
- vii. 18 de maio - Residentes dos bairros Menino Deus e Cidade Baixa aproveitam o tempo para limpar as casas e descartar objetos com o dia sem chuva;
- viii. 19 de maio - comerciantes retornam para a Rua da Praia para iniciar limpeza dos estabelecimentos;
- ix. 20 de maio - Montanhas de entulhos tomam as ruas da capital;
- x. 21 de maio - Pela primeira vez desde o dia 03 o Guaíba retoma à marca de 4 metros;
- xi. 22 de maio - A água começa a recuar no Humaitá, por exemplo, mas as casas seguem ilhadas.

Com o retorno da chuva o sistema de drenagem de Porto Alegre volta a ficar sobrecarregado, isso causado pelos problemas das casas de bombas que registraram lama na canalização. Pontos da Zona Sul que não tinham alagado antes passaram a ficar submersos. A Administração Municipal volta a fechar o espaço deixado pela comporta 3 com sacos de areia.

Quem estava limpando as casas e ruas precisou interromper o processo no dia 25 de maio. Em alguns pontos o Guaíba volta a subir entre 20 e 40 centímetros. Com o lago ainda acima de 4 metros o estado chega a 169 mortos no 26º dia, enquanto isso, no Sul a Lagoa dos Patos tem elevação. O dia 27 tem outra cena emblemática, algumas garças são vistas pescando na área central.

Um corredor emergencial é construído para a liberação do trânsito Capital-interior, isso entre a Assis Brasil e a Freeway, no dia 28. A cota oficial de inundação é

alterada pelo Governo do Estado, passando de 3 metros para 3,60 metros na Usina do Gasômetro. Nesse dia a água começa a baixar e montes de areia começam a aparecer e o Mercado Público volta a ser limpo. O dia 29 marca o primeiro mês do início da tragédia no estado.

Trens voltam a operar entre Novo Hamburgo e Canoas no dia 30. Apenas no dia 31 o Guaíba volta a ficar abaixo da cota de inundação na região central do Cais Mauá.

6.2.2. Efeitos

Ao invés de resultados para abordar a enchente de 2024 são citados os efeitos, a mudança de termo refere-se à contabilização do desastre que tem marcas ainda visíveis. Muitos dos estragos causados pela cheia não receberam reparos até o desenvolvimento deste trabalho, fator que inviabiliza, por exemplo, o fechamento dos valores de investimento de recuperação.

Após toda a catástrofe Porto Alegre contabilizou cinco mortos, 160.210 pessoas afetadas e 39.422 edificações ilhadas. Malinoski, Gonzatto e Lopes (2024) listaram os bairros que tiveram mais pessoas afetadas, criando a seguinte ordem: Sarandi (26.042), Menino Deus (18.231), Farrapos (17.522), Humaitá (12.617), Cidade Baixa (9.338), Floresta (7.522), Ponta Grossa (6.631), Centro Histórico (6.558), São Geraldo (6.546) e Arquipélago (6.411). Além disso, ao todo 45.970 empresas foram prejudicadas, a maioria do setor de serviços, seguido pelo comércio, indústrias e outros segmentos.

Em relação a infraestrutura, 19 Estações de Bombeamento de Água Pluvial (Ebap), cinco Estações de Bombeamento de Água Bruta (Ebab) e quatro Estações de Tratamento de Esgoto (ETE) foram danificadas. Foram 186 praças, 12 parques e lagos e 1.081 quilômetros impactados pelas chuvas na capital.

Outras áreas consideradas essenciais também foram altamente afetadas, na educação foram contabilizadas 100 escolas particulares, 44 estaduais e 16 municipais atingidas. A área da saúde somou 22 unidades básicas afetadas, dois hospitais, três farmácias populares e quatro clínicas da família.

Conforme um raio x desenvolvido pelo G1 RS, Porto Alegre foi um dos municípios mais afetados pelas chuvas de abril/maio de 2024. A capital gaúcha ainda contabiliza ainda um desaparecido desde aquelas chuvas.

A Rodoviária de Porto Alegre ficou um mês alagada e os ônibus voltaram a operar após um mês. O Mercado Público ficou 40 dias fechado e quando voltou a funcionar foi parcialmente. Os estádios dos times porto-alegrenses ficaram por longos períodos sem receber partidas, o Beira-Rio recebeu uma partida 70 dias depois após a enchente e a Arena do Grêmio pode ser reaberta apenas quatro meses depois da inundação. Nesse mesmo sentido, o Aeroporto Internacional Salgado Filho retornou com as operações após cinco meses fechado.

Em relação aos investimentos destinados, o Estado do Rio Grande do Sul divulgou, próximo de um ano da tragédia, que neste período após a catástrofe e a criação do Plano Rio Grande (PRG), um montante de R\$ 6,9 bilhões investidos. Por parte do Governo Federal é estimado que até abril de 2025 R\$ 111,6 bilhões foram enviados ao Estado, desse montante R\$ 89 bilhões já foram executados, o que representa 80% dos recursos previstos.

7. METODOLOGIA

A análise de conteúdo será a metodologia utilizada para desenvolver o estudo de cinco dias da cobertura feita pela Rádio Gaúcha nas enchentes do Rio Grande do Sul em 2024. Para isso, teremos como base o livro *Análise de Conteúdo* (1997) de Laurence Bardin.

7.1. MÉTODO

Para Bardin (1997), o processo de análise de conteúdo está dividido em três etapas cruciais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação. Esses passos devem ser seguidos em ordem cronológica para o estudo do material.

A autora define a análise de conteúdo como um grupo de técnicas de comunicação:

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (Bardin, 2016, p. 37).

7.1.1. Pré-análise

O processo de pré-análise é identificado por Bardin (1997) como a etapa de organização para a realização do trabalho de análise. A autora indica que é neste momento que ocorre uma etapa de intuições que deve criar um sistema ou programa para organizar as ideias iniciais. Independentemente do uso ou não da tecnologia, as técnicas que foram optadas para o desenvolvimento da análise de conteúdo precisam ser flexíveis caso seja necessário o uso de outros procedimentos ou materiais.

Dentro dessa primeira fase a autora aponta outras três etapas: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 1997, p. 125).

Para uma boa execução dessa organização, Bardin (1997) faz algumas sugestões para o desenvolvimento. O primeiro passo é a leitura flutuante, como é

tratada pela autora a atividade, que, basicamente, “consiste em estabelecer um contato com os documentos a analisar e conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (p. 126). Após, é o momento de escolher bons documentos sobre o conteúdo que será analisado, o que deve facilitar o levantamento de informações e a confirmação ou não de hipóteses.

A união dos documentos de análise deve constituir um corpus, afinal é “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (Bardin, 1997, p. 126). São elas:

- a) Regra da exaustividade: Após a definição do corpus todo e qualquer material que aborde o tema precisa ser considerado, independentemente da dificuldade que exista para acesso daquele material, ele não pode ser deixado de fora;
- b) Regra da representatividade: a amostra que for escolhida para a análise precisa abranger o universo material como um todo. Os resultados da amostragem vão ser aplicados para o restante;
- c) Regra da homogeneidade: os documentos selecionados para a análise devem seguir os mesmos critérios de escolha, sem que um ou mais itens tenham especificidades na hora de encontrá-los;
- d) Regra da pertinência: os documentos do corpus devem atender ao critério de ser fonte de informação para atender os critérios para a análise.

A formulação das hipóteses vem na sequência, onde Bardin (1997) discorre que essas hipóteses são afirmativas que precisam ou não serem comprovadas diante da análise dos materiais previamente definidos que são fontes seguras para a abordagem do tema.

Após, é a vez da organização e enumeração desses materiais que devem ser utilizados referenciando-os e os distinguindo-os com a ajuda de uma ou mais técnicas. Ao ser concluído esse processo a análise de conteúdo pode evoluir, seguindo para a exploração do material.

7.1.2. Exploração do material

Essa é a segunda fase da análise de conteúdo em que Bardin (1997) faz a leitura de que tende a ser o momento mais extenso da análise. Afinal, este é o

momento em que tudo que foi definido anteriormente para a seleção de documentos deve ser colocado em prática, aqui os materiais serão explorados de acordo com as regras que foram definidas previamente.

7.1.2.1. Tratamento de resultados e interpretação

Nesse momento, os resultados brutos já são identificados e, conforme Bardin (1997) precisam ser tratados de maneira significativa e válidos. Aqui já é possível desenvolver quadros, figuras e diagramas sobre o processo de análise, o que deve esmiuçar ainda mais os resultados, transformando-os, saindo de brutos para detalhistas e passando por descobertas inesperadas e identificando padrões.

7.1.3. Codificação

Uma forma de detalhar e expandir os resultados preliminares é a codificação. Bardin (1997) afirma que a análise também depende de outros tópicos como o recorte, a enumeração e a agregação.

Esses itens servem como uma base da autora que especifica questões que podem ser utilizadas com a finalidade de definições que vão se agrupando a partir de unidades até grupos maiores e formam sentido a análise que está sendo desenvolvida.

Para o recorte, Bardin (1997) detalha nas unidades de registro e contexto a palavra, que “não tem definição precisa em linguística, mas para quem faz parte do uso de idioma corresponde a qualquer coisa” (Bardin, 1997, p. 134). Nesse momento todas as palavras do texto podem ser levadas em consideração ou é possível se prender a apenas palavras chaves, além da opção de categorizá-las entre substantivos, adjetivos, verbos e outros grupos.

Outra opção está no tema, para a realização de uma análise temática a autora detalha que o objeto, o personagem, o acontecimento e o documento são aspectos que podem ser considerados dentro dessa unidade.

Deste ponto em diante partimos para o processo de enumeração e as regras para realização da etapa. De acordo com Bardin (1997) a enumeração serve para fazer a distinção entre a unidade de registro e o modo de contagem. Para isso, existem as seguintes formas de enumeração:

- a) Presença (ou ausência): a presença ou ausência de um elemento em um texto pode ou não trazer significado para a mensagem;
- b) Frequência: esta é uma das medidas mais utilizada, a frequência de aparição de uma unidade define o grau de importância da unidade;
- c) Frequência ponderada: quando a frequência de aparição de um elemento determina o grau de importância dele;
- d) Intensidade: a força semântica de um elemento, a intensidade do verbo, tempo verbal e uso de adjetivos;
- e) Direção: trabalha na frequência ponderada de caráter quantitativo, podendo ser favorável, desfavorável ou neutra;
- f) Ordem: a sequência de aparição das unidades pode se tornar mais importante do que a frequência que cada elemento aparece;
- g) Coocorrência: duas ou mais unidades de registro em um mesmo elemento de contexto.

7.1.3.1. Categorização

Conforme Bardin (1997), a categorização nada mais é do que a classificação de elementos em conjuntos definidos, inicialmente, pela diferenciação e, após, por semelhanças no processo de reagrupamento. A categorização pode ser separada com o auxílio de alguns critérios, semântico, sintático e expressivo. Ainda existem dois tópicos considerados estruturalistas pela autora: o inventário, que consiste na separação dos elementos e a classificação, que determina a organização de unidades semelhantes.

Para uma boa separação, alguns outros critérios podem ser seguidos:

- a) Exclusão mútua: o elemento não pode estar em mais de uma categoria;
- b) Homogeneidade: um único modo de organização deve ser utilizado nas categorizações;
- c) Pertinência: deve estar de acordo com a intenção e o objetivo do analista e de acordo com a mensagem;
- d) Objetividade e fidelidade: os fragmentos de um mesmo material que pertencem à mesma categoria devem ter um processo de codificação igual;
- e) Produtividade: os resultados claros e bem definidos estabelecem o grau de produtividade.

8. ANÁLISE

Todos os conteúdos analisados foram selecionados conforme o orientado por Bardin (1997). Dos 31 dias do mês de maio de 2024 que foram atípicos em Porto Alegre foram selecionados cinco deles. Com atenção aos fatos de maior relevância que resultaram em mais problemas futuros foram selecionados os dias 02, 03, 05, 06 e 10 de maio para aprofundamento de análise. Cada um dos dias foi marcado por diversos acontecimentos, mas foram selecionados aqueles que geraram imagens e um estado de alerta ainda maior, como por exemplo:

- 02 de maio - a marca de 3 metros de inundação ser superada;
- 03 de maio - suspensão de atividades no Aeroporto Salgado Filho;
- 05 de maio - a cota recorde da cheia, 5m37cm, é atingida;
- 06 de maio - desligamento da casa de bombas Menino Deus;
- 10 de maio - corredor humanitário é construído.

Seguindo as ideias abordadas no subcapítulo 3.3 e no capítulo 5, as análises possuem o intuito de fazer um recorte da ampla cobertura da Rádio Gaúcha da grande enchente de 2024 diante de tantas possibilidades digitais, mas com um olhar mais direcionado para o YouTube, plataforma pela qual todo o conteúdo de transmissão necessário foi acessado.

Nesse material a principal observação gira em torno da convergência e dos desafios desse processo que é o objeto de estudo central deste Trabalho de Conclusão de Curso. Todo o olhar para os conteúdos abordados será atento e sensível, principalmente, para os desafios enfrentados pelas equipes da Rádio Gaúcha durante a cobertura das enchentes que foi veiculada nas ondas sonoras do FM e no YouTube.

A aplicação do método descrito por Bardin (1997) começou desde a sugestão de seguir, cronologicamente, a aplicação de pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, interferência e interpretação. Obedecendo, especialmente, as regras de homogeneidade e pertinência sugeridas para a análise prévia chegou-se aos cinco dias e situações de objetos de estudo.

8.1. DIA 02 DE MAIO DE 2024

Durante o programa Sala de Redação, de quinta-feira, 02/05/2024, Pedro Ernesto Denardin, Leandro Staudt e os demais integrantes do tradicional programa esportivo, faziam uma atualização do nível dos rios no estado. Era 13h11 quando o nível do Guaíba ainda era citado abaixo da cota de inundação, isto é, abaixo dos três metros. A programação do primeiro dia de análise foi acompanhada pelas transmissões em <https://www.youtube.com/watch?v=CJjCtXCZVjM&t=4601s> e <https://www.youtube.com/watch?v=2BEIFrUYAgY&t=1084s>.

09'29" a 10'06": Leandro Staudt: "Tem muita água para descer em direção à Porto Alegre e o cenário Pedro é de atenção total na cidade. Porque o Guaíba tá subindo muito rápido hoje, na comparação com o ano passado, a gente acompanhava o crescimento do Guaíba de um dia para o outro, hoje a gente tá acompanhando de hora em hora. [...] Agora, na última medição, com 2,88 metros, ele está a 12 centímetros de atingir a cota de inundação no Cais Mauá, que é de três metros."

A programação do Sala de Redação, que normalmente é esportiva, volta-se totalmente para conversa e debate sobre as chuvas intensas, com atualizações em tempo real e contato com correspondentes do interior do Rio Grande do Sul. Até que chega a informação de que o nível de inundação do Guaíba foi superado. A atualização é feita pelo repórter Gabriel Jacobsen, que faz a intervenção do estúdio da emissora.

01H03'59" a 01H04'23": Gabriel Jacobsen: "Informação do momento, Pedro. O Guaíba acaba de superar a marca da cota de inundação na região central de Porto Alegre. A régua de medição do Cais Mauá na última atualização, que é da uma hora e 15 minutos, mostra três metros e um centímetro. A cota de inundação é de três metros, tá superado em um centímetro, com previsão de piorar muito, mas muito mesmo nas próximas horas."

Era 15h06, horário já correspondente ao programa 'Gaúcha +', a partir desse ponto a programação da Rádio Gaúcha foi adaptada por uma programação especial, inclusive de transmissão ao vivo pelo YouTube, para a cobertura das enchentes em tempo real. Agora, Leandro Staudt e Andressa Xavier faziam a ancoragem e apresentavam as atualizações, entre elas a do nível do Guaíba, que já superava a cota de inundação. Sintonizados no FM da emissora e, simultaneamente, em live na

plataforma digital, conexões eram realizadas com repórteres em diferentes regiões do estado e da capital gaúcha.

48'11" a 48'33": Leandro Staudt: "Em Porto Alegre a informação do início de tarde, a confirmação da superação da cota de inundação do Guaíba no Cais Mauá. As comportas do muro foram fechadas, a cota é de três metros, na última medição que nós temos aqui, três metros e um centímetro, com tendência de uma alta preocupante."

O apresentador cita que dois repórteres estão em posição próximo ao lago para atualizar as situações. Em primeiro momento, Gabriel Jacobsen, localizado em ponto próximo a Secretaria da Fazenda e com uma vista privilegiada do Cais, entra ao vivo, sem o recurso de imagens e descrevendo o trabalho de colocação de sacos de areia nas comportas para construção de barreiras para tentar conter o avanço da água.

49'47" a 50'14": Gabriel Jacobsen: "Mesmo que o Guaíba já tenha passado a cota de inundação, ainda não há água sobre o Cais Mauá com força. [...] O Guaíba a gente enxerga ele com uma velocidade muito grande, muito diferente, inclusive, do que se vê tradicionalmente no Guaíba. A água passando com muita força, trazendo galhos, trazendo vegetação e água muito turva."

Como uma opção para identificação do repórter que não trabalhava com imagens síncronas, uma foto do profissional é incluída na transmissão digital. Posteriormente, um vídeo gravado da posição do jornalista é vinculado, retratando a descrição dos acontecimentos.

Figura 1 - Captura de tela da transmissão no YouTube



Fonte: Reprodução/GZH (2024).

Figura 2 - Captura de tela da transmissão no YouTube, imagem enviada pelo repórter



Fonte: Reprodução/GZH (2024).

Na sequência, praticamente no mesmo ponto que o repórter Gabriel Jacobsen, mas no nível do Guaíba, a repórter Kelly Matos também acompanha a mesma questão: a superação da cota de inundação do lago. Agora, com imagens sincronizadas com o momento e a fala da profissional, o trabalho de colocação dos sacos de areia, por exemplo, é vista de perto pelos telespectadores e detalhada por Kelly para quem apenas ouve a transmissão.

As imagens apresentam a repórter com equipamentos de proteção contra a chuva, como capa e guarda-chuva e outros apetrechos para a transmissão sendo carregados, entre eles um tripé, normalmente utilizado para apoio de câmera ou celular durante as transmissões e, por óbvio, o microfone.

Figura 3 - Captura de tela da transmissão no YouTube com a repórter no plano de vídeo



Fonte: Reprodução/GZH (2024).

Ferraretto (2024) cita em seu artigo Fidler (1998), que aborda o processo de midiamorfose, onde algo não aparece simplesmente do nada, essas questões se reinventam, unindo elementos de cada antecessor, neste caso, como o rádio e a televisão. Os recursos explorados logo no início da cobertura em análise já demonstraram, inclusive, o uso de recursos da fotografia, fazendo com que o processo de metamorfose aconteça.

52'55" a 53'01": Andressa Xavier: "Os dados são mais assustadores ainda, né Staudt? Oito centímetros subindo o Guaíba em uma hora".

Alguns minutos depois, às 15h19, a repórter Kelly Matos retorna à programação já da Orla do Guaíba, na Usina do Gasômetro, ainda com chuva caindo, e relata as impressões com o aumento rápido do nível do Guaíba, que já está plano com a altura do gramado.

8.2. DIA 03 DE MAIO DE 2024

Após superar a cota de inundação no dia anterior, o Guaíba subiu exponencialmente durante às próximas horas. A medição das 04h15 do terceiro dia de maio apontou o lago com 4m23cm no Cais Mauá, a informação foi atualizada na programação pela repórter Isadora Garcia, às 05h43, quando foi divulgada a informação. Essa evolução foi sendo acompanhada pela transmissão em https://www.youtube.com/watch?v=UKj_mawYTIE&t=17121s.

Até às 18h50, horário respectivo, em programação normal, ao programa Hoje nos Esportes, Maurício Saraiva, que participa ao lado de Luciano Périco, cita que o aeroporto Salgado Filho, até então, mantém alguns voos programados ainda confirmados e com probabilidade de saírem.

Pouco depois, às 19h37, no Gaúcha Faixa Especial, programa criado para substituir o restante da programação no momento de calamidade a Voz do Brasil e dar espaço para toda a cobertura das enchentes, Viviana Fronza ancora o programa que faz um rodízio de repórteres em diferentes pontos e vincula informações relacionadas ao Aeroporto Salgado Filho com o repórter Valter Jr.

04H34'17" a 04H34'37": Valter Jr: "A situação aqui é um pouco complexa, porque a última informação oficial da Fraport é de que 17 voos estavam cancelados. Porém, aqui no painel que apresenta todos os voos do dia, apresenta todos os voos até o final do dia como cancelados".

Ao complementar, Valter Jr cita que naquele momento muitas informações divergem, inclusive por parte das companhias aéreas. Por exemplo, ele relata que algumas pessoas eram informadas de que os voos do dia 03 estavam cancelados, enquanto outras eram informadas de que não tinha expectativa de voos até a noite do dia 05. Durante toda a fala do repórter são reproduzidas uma série de imagens aéreas de pontos de alagamento em Porto Alegre.

Agora em horário correspondente ao Show dos Esportes, mas ainda em uma mesma transmissão, Luciano Périco e Diori Vasconcelos trazem a última atualização do Guaíba no Cais Mauá, das 19h, onde o lago chegou à 4m70cm, com a repórter Gabriela Plenz do estúdio.

Às 20h08 o assunto em relação a situação do Aeroporto é retomado na programação. Para isso, os apresentadores realizam uma entrevista com o secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo.

05H05'35 a 5H06'19": Ernani Polo: "Realmente, recebemos agora há pouco o contato da Andreia, que é CEO, da Fraport, nos informando [...] essa decisão da Fraport de suspender todas as operações do Aeroporto Salgado Filho. Agora, às 20h30, decola a última aeronave que está em solo. Tudo isso em consequência do rompimento de um canal que passa pelo aeroporto, por baixo da pista do Aeroporto Salgado Filho e também na iminência de um rompimento de um dique que está também localizado lá nas imediações do Salgado Filho. Todos os voos para Porto Alegre já foram cancelados [...]"

Durante essa e as demais entrevistas, com exceção de coletivas de imprensa, o recurso utilizado pela equipe é de colocação de fotografias dos entrevistados durante as falas e ir alternando com a imagem dos apresentadores no estúdio. Conforme o momento, a tela é dividida entre apresentador/fonte e em outros, um dos indivíduos fica em plano único.

Figura 4 - Captura de tela da transmissão no YouTube durante entrevista remota



Fonte: Reprodução/GZH (2024).

Luciano Périco faz a leitura de relatos que chegam pelo canal de WhatsApp da emissora sobre o tema. Inclusive, o apresentador transmite comunicados das companhias aéreas. A primeira citada é a Gol Linhas Aéreas, que passou para os passageiros a informação de que os voos estavam cancelados até às 23h do dia 05, que seria o domingo seguinte. Na sequência, com auxílio do secretário Ernani Polo e de outros ouvintes, os mesmos protocolos ou outros semelhantes são confirmados pelas companhias Azul Linhas Aéreas Brasileiras e Latam Airlines.

Sobre a evolução da água em direção ao Salgado Filho, o secretário é questionado sobre a situação por Diori Vasconcelos e confirma que a situação no local deve ficar cada vez mais grave diante dos fatores como o rompimento do canal citado anteriormente. Isso vale para o aeroporto e imediações.

8.3. DIA 05 DE MAIO DE 2024

Com a piora da situação progressivamente, a Rádio Gaúcha e, consequentemente, o canal de GZH estabelecem na programação noturna, o 'Ajuda Rio Grande' e consolida uma programação intensa também em vídeo com longas lives. Tal cenário pôde ser acompanhado pela transmissão feita pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=mKcNWLl6c4Y&t=19266s&pp=ygU4w7psdGltYXMgaW5mb3JtYcOnw7VlcyBzb2JyZSBhIGVuY2hlbnRlIG5vIHJzIDA1LzA1LzlwMjQ%3D>.

O recorde da enchente de 1941, de 4,76 metros, já havia sido atingida há um bom tempo e o questionamento era até quanto o lago ainda poderia subir e estabelecer o novo recorde. Foi na madrugada do dia 05 de maio que os 5,35 metros foram alcançados.

No plantão da madrugada, os jornalistas Ramon Nunes e Rodrigo Lopes reportavam cada nova atualização da medição das réguas. Às 03h43, Nunes informa que em medição das 03h15 o nível do Guaíba estava em 5,31 metros, medição do Cais Mauá. Em uma hora (das 02h15 às 03h15) o lago subiu o equivalente a seis centímetros.

A transmissão durante a madrugada trouxe também a reprodução de materiais já vinculados, como algumas entrevistas que já haviam ido para o ar em momentos anteriores. Uma forma de reforçar explicações e manter uma audiência que se renova informada, tudo isso com a presença de fontes oficiais na programação até mesmo durante a madrugada.

Em relação ao nível do Guaíba, é explicado que os índices estão sendo acompanhados por um portal digital disponibilizado pela Agência Nacional das Águas (ANA), do Governo Federal. Pois, durante a madrugada, as medições da régua que fica instalada no lago não são realizadas.

Às 04h44 Ramon Nunes atualiza que uma nova medição no Cais Mauá apresenta o número de 5,32 metros.

06H06'34" a 06H07'01": Rodrigo Lopes: "A gente tem a expectativa, esperança e até as próprias previsões dos pesquisadores que a gente ouviu ao longo da noite e da madrugada de que não passe dos seis metros. Porque seis metros de altura é a altura do muro da Mauá, então ele passaria por cima do muro da Mauá. Há a expectativa de que não chegue aos seis, que chegue quem sabe aos cinco metros e meio".

Na sequência, o comando da programação passou para Antônio Carlos Macedo e Tiago Bittencourt, que trouxeram como primeira manchete o nível do Guaíba, de 5,32 metros, que até então era a maior marca da história.

Tendo em vista que a medição do ANA era considerada extra oficial, mas a existente naquele momento para informações, a programação vai relembando esse fator seguidas vezes. Presente na equipe de ronda da madrugada do dia 05, Joanna Manhago aponta uma redução do Guaíba, para 5,28 metros, isso às 05h50.

O primeiro momento em que os 5,35 metros são citados na programação é 06h57 do domingo, 05 de maio, quando a repórter, Laura Becker, informa por WhatsApp que por volta de 05h30 a medição teria atingido os 5,35 metros, a informação foi repassada no ar na voz de Antônio Macedo. Às 07h42 Laura retorna à programação com a informação de que a medição do nível do Guaíba teria parado, afinal o sistema da Agência Nacional de Águas não tinha sido mais atualizado. Segundos após a fala o portal faz uma atualização das 07h15 e aponta 5,30 metros, o que confirma o processo de oscilação do lago.

O maior nível do lago que tinha sido registrado em 5,35 metros é corrigido meses depois para 5,37 metros, fazendo deste número o novo recorde de cheia do Guaíba.

8.4. DIA 06 DE MAIO DE 2024

A situação em Porto Alegre e Região Metropolitana no dia 06 de maio segue preocupante. Entretanto, o cenário piora quando as águas atingem novos pontos a partir do desligamento da casa de bombas número 16, correspondente aos bairros Menino Deus e Cidade Baixa, moradores dessas regiões são orientados a evacuarem imediatamente as residências. O agravamento da situação é acompanhado em relatos em dois links: <https://www.youtube.com/live/K50zBD0FJTM?si=jB8iO7mvqL81VRkk> e <https://www.youtube.com/live/yobEgmABCew?si=z0R66m4430E5HITo>.

Às 14h42 do dia em estudo, a programação veicula, em áudio para quem acompanha a emissora pelo rádio tradicional e em áudio e vídeo na transmissão pelo YouTube, uma postagem do Prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), nas redes sociais onde ele alerta para alta da água na região do Cidade Baixa. Ancoram a transmissão neste momento Leandro Staudt, Marcelo De Bona e Andressa Xavier

que reforçam a fala do chefe do Executivo porto-alegrense. Inclusive, Staudt logo faz menção ao bairro Menino Deus.

De Bona comenta que moradores do Menino Deus relatam em mensagens enviadas ao telefone da emissora que muitas ruas que estavam secas até então, começam a ser tomadas pelas águas. É nessa troca de percepções e informações que o pensamento de Kishinhevsky (2007) faz sentido nas transmissões e o relacionamento do com o público, que também auxilia na disseminação de informações.

Mesmo nos endereços eletrônicos de grandes empresas de comunicação, sempre há espaço reservado, e intensamente visitado, para troca de impressões entre emissor e receptor (Kishinhevsky, 2007, p. 78).

36'45" a 36'54": Leandro Staudt: “Pra quem está observando na rua a água chegando perto de casa, se puder sair pra casa de um familiar já sai, não espera chegar a água, porque vai piorar a situação.”

Pouco depois, 14h46, o repórter Jônatha Bittencourt acompanha *in loco* a enchente no bairro Menino Deus e mostra as casas ficando ilhadas e apresenta o relato de que algumas pessoas não querem deixar a casa e muitos estão resistentes. No estúdio, os apresentadores apelam para que a população das regiões do Menino Deus e Cidade Baixa deixem as residências, afinal a tendência é de que a água suba cada vez mais a partir do desligamento da casa de bombas.

Esses relatos acompanhados de imagens vão de encontro ao valor-notícia citado por Ferraretto (2016) ao fazer uma reflexão sobre o apresentado por Traquina (2013). No contexto, os autores analisam que o acontecimento precisa abranger alguns critérios para ter o uso de imagens em plataformas relacionadas a emissoras de rádio, entre eles deve ser visual. Ferraretto (2016) cita que com o aspecto visual a informação fica mais completa e concisa.

O repórter pode entrar no ar informando oralmente – o texto falado – o que ocorre diretamente do palco de ação do fato, onde ainda realiza entrevistas com testemunhas e protagonistas diretos, além de registrar imagens ambientais estáticas e dinâmicas (Ferraretto, 2016, p. 101).

Agora ao lado de Kelly Matos, Staudt explica mais uma vez que com a inoperância da casa de bombas 16, ou como é denominada da “rótula das cuias”, os bairros em alerta devem receber água na mesma proporção que regiões como o Centro Histórico, que já estava alagado. Afinal, com o sistema desligado a água deve adentrar no sistema de drenagem e, conseqüentemente, os bueiros vão começar a

transbordar. O alerta onde é explicado que o sistema foi desligado por medida de segurança é repercutido na transmissão.

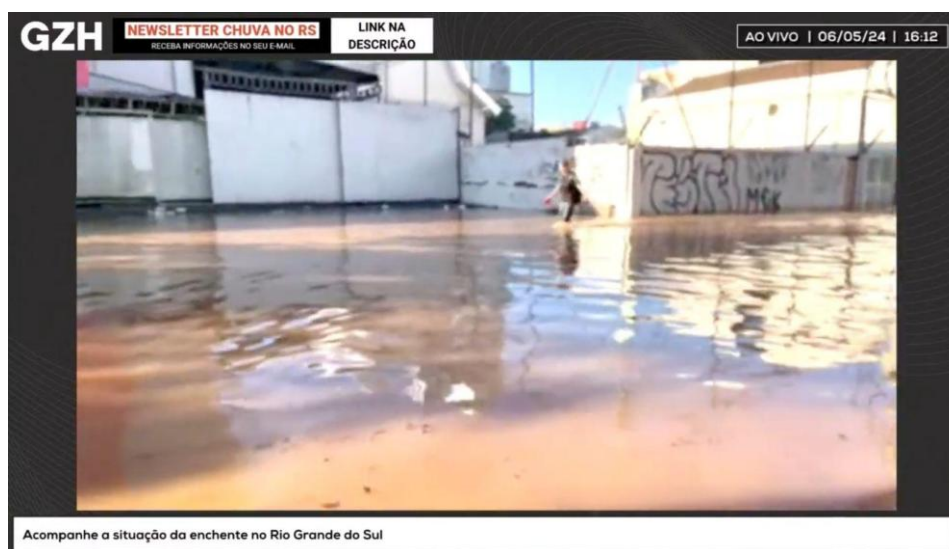
Do carro, Jônatha Bittencourt mostra o movimento do processo de evacuação dos bairros em questão. Um longo congestionamento ainda dentro dessas regiões é identificado, situação agravada pelo bloqueio de diversas vias.

Gabriel Jacobsen entrevista o diretor-presidente da CEEE Equatorial, Riberto Barbanera, que detalha o procedimento de desligamento do bombeamento da água.

01H43'48" a 01H44'16": Riberto Barbanera: "Esse desligamento que nós fizemos agora de emergência na região da Cidade Baixa ele se deve a notificação que nós recebemos de que a água estava dando choque elétricos lá, por conta de contato com as instalações. Em uma situação como essa o que nós fazemos é o desligamento imediato para preservar a integridade física das pessoas e ato seguinte encaminhamos as equipes para avaliar a situação e poder fazer o que nós chamamos de manobras no sistema elétrico."

Ainda naquela tarde, às 16h12, o repórter Jônatha Bittencourt retorna a programação já de dentro da água em pontos que estão alagados no bairro Menino Deus.

Figura 4 - Captura de tela da transmissão no YouTube com repórter ilhado



Fonte: Reprodução/GZH (2024).

8.5. DIA 10 DE MAIO DE 2024

A informação de que a ponte de pedestres da rodoviária de Porto Alegre seria derrubada para a construção de um corredor humanitário foi confirmada no dia 09 de maio, um dia antes da estrutura ser colocada no chão. Com isso, essa informação já era certa nas primeiras horas do décimo dia do mês de maio de 2024.

O tema passou a ser abordado de forma mais ampla na cobertura da Rádio Gaúcha a partir das 06h29, com Antonio Carlos Macedo e Tiago Bitencourt na ancoragem. A análise passa por dois links de transmissão ao vivo (<https://www.youtube.com/live/sGBzX42fk8E?si=mXhnjtVJBB1ydL2F> e https://www.youtube.com/live/eq-0X5FZ5FE?si=h_4pvnGLjd0fTCzL).

05H31'56" a 05H32'04": Tiago Bitencourt: "Sobre a passarela ali da rodoviária, que a Prefeitura informou ontem que vai demolir ela para passagem do corredor humanitário [...]".

Pouco depois, às 06h36 a temática volta como manchete no quadro "Expresso de Notícias", dentro da programação. Dois minutos depois, o repórter Ian Tâmbara entrou ao vivo do local onde acompanhava a execução dessas obras. No local, o jornalista aproveitou a presença do secretário de Obras e Infraestrutura de Porto Alegre, André Flores, e realizou uma entrevista. O titular da pasta prestou a explicação de qual seria a altura desse corredor humanitário e a delimitação de veículos que poderiam utilizar a via. Ele esclarece ainda que a Administração Municipal considera a alteração como uma retirada da passarela, pois a expectativa é de que ela seja reposta após a calamidade. Com um retorno no próprio rádio, o entrevistado tinha acesso às questões do estúdio, fator que auxiliava que o repórter não precisasse repassar as perguntas.

É 07h06 quando um giro de notícias, intitulado "Direto ao Ponto" é realizado com a manchete do apresentador e complemento dos repórteres.

06H08'50" a 06H08'58": Antonio Macedo: "Prefeitura de Porto Alegre vai desmontar hoje a passarela da rodoviária para abrir caminho especial para ajuda humanitária. Ian Tâmbara."

Ao chamar o repórter para os complementos da informação, Macedo aguarda alguns segundos, sem a manifestação do jornalista, que provavelmente não estava com sinal, o apresentador segue com a leitura das manchetes.

Às 07h12 o contato com Ian Tâmbara, repórter que acompanha a situação da rodoviária, é feito. Agora, o profissional entra em áudio e com o auxílio de imagens gravadas no local e transmitidas para o YouTube.

06H14'16" a 06H15'25": Ian Tâmbara: "O uso do corredor humanitário vai ser exclusivo para veículos de emergência, para doações, para viaturas oficiais. Não será liberado para carros de passeio."

Durante todos os dias de transmissão em vídeo no YouTube uma manchete fica disponível na tela. A chamada é alterada conforme o assunto mais vigente no momento ou o tema que está sendo abordado. Algumas vezes, com a alta rotatividade de repórteres e assuntos, alguma frase mais genérica é utilizada para situar quem acessa as transmissões, como "Acompanhe a situação da enchente no Rio Grande do Sul".

A intensificação da movimentação no local onde fica a passarela da rodoviária é citada por Tâmbara, ele relata a chegada de um maior número de maquinários, o que dá a percepção que os serviços vão começar em breve para o desmonte. Às 08h01 em outra participação ao vivo o repórter destaca que iniciaram as atividades. Ian Tâmbara detalha que duas máquinas operam simultaneamente no processo de retirada de uma parte da estrutura para liberação do corredor.

Tendo em vista a importância desse episódio o repórter fica fixo naquela localidade e registrando o passo a passo da desmontagem, além de atualizar as informações do trânsito da capital.

Na parte da tarde, o repórter Saimon Bianchini assume a cobertura da construção do corredor humanitário. Por volta das 14h20 o profissional já faz registros mais próximo do local onde está a ponte no chão que está tendo uma parte retirada. Bianchini atualiza que a projeção é de que em mais duas horas o trecho seja liberado para administração do fluxo. Às 15h10 o repórter já registra que a parte central da ponte foi retirada e a partir de agora o trabalho está concentrado nas laterais para desbloqueio total da travessia.

Bianchini retorna para a programação às 17h02, trazendo a informação de que a estrutura do corredor solidário foi concluída pelos envolvidos para tráfego de veículos oficiais e chegada de doativos. A liberação para esses veículos deve acontecer em alguns minutos, por volta das 17h15, a passagem de veículos tem a administração de apenas um por vez.

Após a cobertura de uma camada asfáltica na estrada construída em meio às águas, às 17h55, Saimon Bianchini relata, enfim, a abertura do corredor humanitário.

06H16'46" a 06H17'04": Saimon Bianchini: "O corredor de acesso é liberado, agora com a sinalização já da EPTC, alguns cones foram colocados para evitar

qualquer tipo de contato com a água. Seu Valmir é o primeiro veículo oficialmente liberado, seguido por outros caminhões, são três nessa primeira leva.”

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de redação deste trabalho, intitulado “A cobertura da Rádio Gaúcha na enchente de 2024 no Rio Grande do Sul e os desafios da convergência midiática” surgiu após o episódio da maior tragédia climática que o estado gaúcho já viu. A pesquisadora, que na ocasião já atuava no interior do RS, em Caxias do Sul, em uma emissora de rádio como repórter e produtora, pôde ter uma percepção dos inúmeros desafios que uma tragédia proporciona para uma cobertura jornalística ética.

Uma tragédia natural coloca toda uma comunidade à deriva dos próximos passos e, neste caso específico, a todo momento as condições meteorológicas atualizavam e enquanto se imaginava a liberação de algum trecho para fluxo ou até a possibilidade de limpeza das casas, as respostas eram diferentes. Com quase todo o Rio Grande do Sul debaixo d’água, toda ajuda precisava vir de fora.

A partir do vivenciado, residindo e trabalhando em uma emissora do interior, uma curiosidade foi despertada quanto ao desenvolvimento de uma cobertura dessa magnitude e o poder de filtragem diante de uma avalanche de informações. As plataformas digitais, especialmente o YouTube, surgiram nesta pesquisa perante ao conceito de um jornalista multitarefas, mas como essa multiplicidade de funções, em meio a uma tragédia, se tornaria ainda mais desafiadora.

Para chegar a este momento de conclusões, aspectos como a compreensão do que é o jornalismo e como foi o processo de consolidação do rádio no Brasil precisaram ser abordados a fim contextualizar a relevância do veículo. Com o norte do tema que seria seguido, a metodologia de Análise de Conteúdo foi definida. A forma de trabalho é encabeçada pela autora Laurence Bardin, na obra Análise de Conteúdo (1997).

Para o desenvolvimento deste estudo, três objetivos iniciais foram estipulados. O primeiro fazia a proposta de *analisar os desafios da convergência midiática na realização da cobertura das enchentes do Rio Grande do Sul em 2024 feita pela Rádio Gaúcha*, esse objetivo pode ser alcançado. Pois, com a delimitação do aprofundamento da temática central do presente trabalho de conclusão de curso, um mergulho nas transmissões foi viabilizado, fazendo com que fossem identificadas alterações por parte da emissora durante a cobertura de uma tragédia e como uma cobertura também para o digital pode ter oscilações.

Na sequência, o planejamento era para a observação de adaptação da linguagem e do modelo de informação repassado por apresentadores e repórteres ao repassarem uma mesma informação para a plataforma digital e o rádio, um veículo tradicional. Durante a análise um esclarecimento quanto a linguagem pode ser feita, afinal poucas mudanças são observadas na forma de descrição dos acontecimentos. A diferença observada está centrada em um lembrete, feito por quem está no ar naquele momento, de que a emissora também está em imagens pelo o YouTube.

O terceiro e último objetivo buscava a compreensão de como as plataformas multimídia auxiliaram no processo de repercussão de informações durante a enchente. Esse tópico pode ser compreendido durante o estudo do processo de convergência do rádio e na prática durante a análise. Afinal, além da transmissão da emissora já ser online e ter estabelecido esse contato com o mundo, uma vez que a internet tem um alcance mundial, foi possível observar a interação por mensagens como crucial na cobertura da enchente. Esse tipo de contato era feito entre apresentadores e repórteres, fontes e ouvintes.

O projeto desta pesquisa também contava com uma questão norteadora: *Como a Rádio Gaúcha tratou a questão da convergência midiática na cobertura das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul?* As questões de convergência foram embasadas, especialmente, com as obras de Marcelo Kischinhevsky (2007) e Luiz Artur Ferrareto (2021).

Após os levantamentos e elaboração até aqui é simples afirmar que a emissora colocou a cobertura como prioridade e fez o mesmo com a transmissão digital. Essa conclusão fica evidente diante da qualidade apresentada nas lives, com a preocupação em conseguir vincular o maior número de imagens no YouTube, mudança de manchetes na tela de acordo com a variação de assuntos, disponibilização de horário no *layout* e interrupção de transmissão no digital, proporcionando que as lives que passavam de 10 horas de duração muitas vezes, seguissem no mesmo minuto em uma nova.

Os meses dedicados a esta pesquisa colocaram em evidência alguns desafios enfrentados por integrantes de uma equipe de transmissão de uma grande tragédia, como a estudada. A maioria dos fatores estão interligados ao sinal de telefonia e internet que em cenários de catástrofes perdem mais qualidade e resultam, no caso do jornalismo, em imagens travando e a perda de contato com quem está na rua para

atualizar alguma informação. A mesma questão de instabilidade em alguns momentos também provoca uma falta de sincronia entre a fala e a imagem que está vinculada.

Outro ponto observado é que a necessidade de diferentes materiais para repercussão de uma mesma informação e a necessidade de que os profissionais estejam em segurança ao desenvolver as atividades para que foram encaminhados, provocou em alguns momentos de análise a percepção de diversos materiais que precisam ser carregados pelo repórter quando o mesmo não conta com um auxiliar.

Perante o desenvolvimento a autora pode apontar que o momento de crise climática trouxe mudanças para a rotina e programação da Rádio Gaúcha. Mesmo a emissora já tendo experiência com a reprodução de programas pelas plataformas digitais o cenário criado a partir das cheias desafia a transmissão em alguns aspectos, mas em um cenário como o criado pela enchente de 2024 tais questões técnicas são relevadas.

10. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Flávia. **Desastres climáticos aumentaram 250% nos últimos quatro anos no país**. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2024-12/desastres-climaticos-aumentaram-250-em-quatro-anos-mostra-estudo>. Acesso em: 08 nov. 2025.

ALVES, Ygor Bandeira. **A Tua Voz: O processo de formação da Rede Gaúcha SAT**. 2025. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Pucrs, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11776#preview-link0>. Acesso em: 19 nov. 2025.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
 BIANCO, Nelia Del. O Futuro do Rádio no Cenário da Convergência Frente às Incertezas Quanto aos Modelos de Transmissão Digital. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. Anais... São Paulo: INTERCOM, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Influência do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

BREED, Warren. **Controle social na redação: uma análise funcional**. In: RAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

CANAVILHAS, J. **Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses**. Brazilian Journalism Research, Brasília, v. 8, n. 1, p. 7-21, 2012.

CERVELLINI, Silvia. **Espiral do silêncio e liberdade de expressão: fronteiras entre a civilização e a barbárie**. Futura. [S. l.]. 18 mar. 2022. Cidadania. Disponível em: <https://futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/artigo/espiral-do-silencio-e-liberdade-de-expressao-fronteiras-entre>. Acesso em: 08 setembro. 2025.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

DEAN, Brian. **Estatísticas do YouTube: Quantas pessoas usam o YouTube?** 2025. Disponível em: <https://backlinko.com/youtube-users>. Acesso em: 07 nov. 2025.

EQUIPE HISTÓRIA DO MUNDO. **A história do YouTube**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/a-historia-do-youtube.htm>. Acesso em: 07 nov. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora ULBRA, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Uma coisa só?** Provocações sobre hibridização de rádio, TV e internet sob a convergência. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 31, p. 1-13, jan.-dez. 2024.

G1 RS. **Mais de 180 mortos, 25 desaparecidos e 96% das cidades atingidas: o raio-X da enchente que devastou o RS um ano após tragédia**. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/1-ano-de-enchente-rs/noticia/2025/04/29/mais-de-180-mortos-25-desaparecidos-e-96percent-das-cidades-atingidas-o-raio-x-da-enchente-que-devastou-o-rs-um-ano-apos-tragedia.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GIL, Maria Cristina. **Introducción al conocimiento y práctica de la radio**. México: Diana, 1994.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: Fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUIMARAENS, Rafael. **A Enchente de 41**. 5. ed. Porto Alegre: Libretos, 2009.
GZH. Ao vivo: Últimas informações sobre a enchente no Rio Grande do Sul | Rádio Gaúcha | 10/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/sGBzX42fk8E?si=mXhnjtVJBB1ydL2F>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GZH. Ao vivo: Últimas informações sobre a enchente no Rio Grande do Sul | **Rádio Gaúcha** | 10/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: https://www.youtube.com/live/eq-0X5FZ5FE?si=h_4pvnGLjd0fTCzL. Acesso em: 19 nov. 2025.

GZH. Cobertura da chuva no Rio Grande do Sul | **Estúdio Gaúcha** | 02/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CJjCtXCZVjM&t=4601s>. Acesso em: 16 nov. 2025.

GZH. **Sala de Redação** | 02/05/2024 | O calendário da dupla Gre-Nal em maio. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2BEIFrUYAgY&t=1084s>. Acesso em: 16 nov. 2025.

GZH. Últimas informações sobre a chuva no RS | **Rádio Gaúcha** | 03/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UKj_mawYTIE&t=17121s. Acesso em: 17 nov. 2025.

GZH. Últimas informações sobre a enchente no Rio Grande do Sul | **Rádio Gaúcha** | 06/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/yobEgmABCew>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GZH. Últimas informações sobre a enchente no RS | **Rádio Gaúcha** | 05/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mKcNWLl6c4Y&t=19266s&pp=ygU4w7psdGltYXMgaW5mb3JtYcOnw7VlcyBzb2JyZSBhIGVuY2hlbnRlIG5vIHJzIDA1LzA1LzlwMjQ%3D>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GZH. Últimas informações sobre a enchente no RS | **Rádio Gaúcha** | 06/05/2024. YouTube, 2024. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/K50zBD0FJTM?si=jB8iO7mvqL81VRkk>. Acesso em: 17 nov. 2025.

HAUBERT, Ana. Relações de interesse na revista O Cruzeiro: uma visão instrumentalista. **Revista Tópicos**, v. 3, n. 18, 2025. ISSN: 2965-6672. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/relacoes-de-interesse-na-revista-o-cruzeiro-uma-visao-instrumentalista>. Acesso em: 07 de setembro. 2025.

HERREROS, Mariano Cebrian. (2011). A rádio no contexto da comunicação multiplataforma. **Rádio Leituras**, Ano II, n.2, pp. 69-105. Disponível em: <https://radioleituras.files.wordpress.com/2012/04/3-cebrian-herreros-pt.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (org.). **Inundação histórica no Rio Grande do Sul completa um ano**. 2025. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/inunda%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-no-rio-grande-do-sul-completa-um-ano>. Acesso em: 08 nov. 2025.

JACOBSEN, Gabriel. **Volume de chuva em maio de 2024 foi maior do que o da enchente de 1941 no RS, dizem pesquisadores**. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/06/volume-de-chuva-em-maio-de-2024-foi-maior-do-que-o-da-enchente-de-1941-no-rs-dizem-pesquisadores-clxp3s7ta01rh012eh9qh1sdw.html>. Acesso em: 09 nov. 2025.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: LabCom, 2010. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: um estudo sobre a narrativa multimidiática e a convergência tecnológica na Rádio France Info**. Revista Líbero, São Paulo, p. 125-134, jun. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/376-750-1-SM.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

MALINOSKI, André; GONZATTO, Marcelo; LOPES, Rodrigo. **A Enchente de 24**. 2. ed. Porto Alegre: Besourobox, 2024.

MARCONDES Filho, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MEDINA, J. L. B. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão**. Revista Symposium, Recife, n. 1, p. 45-55, 2011.

MELO, J. M. de.; ASSIS, F. de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Revista Intercom, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1994.

MOREIRA, Thales. **Governo já investiu quase R\$ 7 bilhões para reconstrução do RS um ano após enchente histórica**. 2025. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/governo-ja-investiu-quase-r-7-bilhoes-para-reconstrucao-do-rs-um-ano-apos-enchente-historica#:~:text=Os%20primeiros%20pagamentos%20de%20R,R%24%2073%2C7%20milh%C3%B5es..> Acesso em: 13 nov. 2025.

NOSSAS marcas: Gaúcha. **Grupo RBS**. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/nossas-marcas/6/gaucha>. Acesso em: 26 out. 2025.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. Revista USP. Num 22, dez-fev 2002-2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, Vinícius Andrade. (2012). **Linguagens Midiáticas, Entretenimento e Multissensorialidade na Cultura Digital**. In: Regis, Fátima; Ortiz, Anderson; Affonso, Luiz Carlos; e Timponi, Raquel. (2012). *Tecnologias de comunicação e cognição*. Porto Alegre: Sulina.

PORTELA, Pedro. **Rádio na internet em Portugal**. Ribeirão: Húmus. 2011.

RIBEIRO, Adriana; ESTEVES, Alessandra. **Cem anos do rádio no Brasil: a Rádio Gaúcha**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-06/cem-anos-do-radio-no-brasil-radio-gaucha>. Acesso em: 27 out. 2025.

ROSSETTO, Andrei; FERRARETTO, Luiz Artur. **Particularidades do uso do vídeo no segmento de jornalismo: uma análise da série de reportagens Os desafios do emprego na crise, da Rádio Gaúcha**. Revista Rádio- Leituras, Mariana- MG, v. 07, n. 02, pp. 95 - 117, jul./dez. 2016.

SARTORI, Carlo; GRAZZINI, Enrico. **O rádio, um veículo para todas as ocasiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Destinação de R\$ 111,6 bilhões e grande mobilização: reconstrução do RS contou com ações emergenciais e estruturantes do Governo Federal.** 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/04/destinacao-de-r-111-6-bilhoes-e-grande-mobilizacao-reconstrucao-do-rs-contou-com-acoes-emergenciais-e-estruturantes-do-governo-federal>. Acesso em: 13 nov. 2025.

SILVA, Luana Viana e; PERON, Mariana. **A rádio que “mostra” notícia:** uma análise do canal da CBN no YouTube e uma nova categorização do uso de vídeos por emissoras radiofônicas. **Alterjor**, São Paulo, v. 1, p. 311-325, jan. 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/alterjor/article/view/172972/168431>. Acesso em: 07 nov. 2025.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STAUDT, Leandro. **Como foi criada a Rádio Sociedade Gaúcha em 1927.** 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/leandro-staudt/noticia/2022/02/como-foi-criada-a-radio-sociedade-gaucha-em-1927-ckzctt4db002s015pzn4m6ugk.html>. Acesso em: 26 out. 2025.

TRAQUINA, Nelson. Teoria do Jornalismo. **A tribo jornalística** - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Livia de Souza; MÁXIMO, Maria Elisa. **Etnografia e Pesquisa em Jornalismo:** Aproximações Teórico-Metodológicas para os Estudos de Newsmaking. 2018. Artigo (Doutorado em Jornalismo; Doutorado em Antropologia Social), 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1766-1.pdf> Acesso em: 07 setembro. 2025.

VILLARROEL, Rafael; FÉLIX, Thiago. **Desastres climáticos provocados pelas chuvas cresceram 222% em 10 anos.** 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/desastres-climaticos-ligados-a-chuvas-cresceram-222-em-10-anos-diz-estudo/>. Acesso em: 08 nov. 2025.

WEIGELT, Diego. **A rádio e os jovens na cultura contemporânea: usos e hábitos em Portugal e Brasil.** 2016. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação - Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/19093/1/Tese%20-%20Diego%20Weigelt%202016.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

WHITE, David Manning. **O gatekeeper:** uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação das rádios públicas brasileiras.** Florianópolis: Insular, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar:** a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular. 2012.